



O MANUSCRITO DE MENAHEM

LUIZ F. M. LIMA

JUNHO 2.000

O MANUSCRITO DE MENAHEM

INÍCIO

Moisés Yadetz agonizava. Era verão de 1940.

Olavo Yadetz parou em frente ao portão da casa centenária, onde fora criado. "Lembranças", pensou. Interrompendo seus pensamentos, um empregado abriu-lhe o portão e falou em voz baixa:

- Sr. Olavo...

O quarto de seu pai estava na penumbra e recendia de modo familiar mas, naquelas circunstâncias, pouco agradável. Sentou-se à beira do leito e segurou a mão do moribundo. Moisés Yadetz abriu os olhos, fitou por alguns instantes o filho e começou a murmurar; Olavo inclinou-se para poder ouvir:

- Olavo... de todos os meus filhos, é você que carrega a herança dos Yadetz... Cuidado!

O amor, o amor... pode ser bênção ou maldição!

O velho agitou-se, seus lábios tremiam. Olavo falou baixo e ternamente:

- Calma, meu pai, eu estou do seu lado.

Após breve silêncio, os olhos procurando os do filho, Moisés Yadetz continuou:

- Eu deveria ter contado antes...

- Sim, sim, pai, agora acalme-se. - Sussurrou Olavo, enquanto abraçava o velho.

Desta forma, cingindo o pai em seus últimos momentos, Olavo escutou as revelações de família. Seus olhos agitaram-se de um lado a outro, seu coração acelerou, suas mãos ficaram frias e sua boca soltou uma exclamação; um suspiro de lamento e espanto:

- Oh pai... como isto é possível?

Moisés Yadetz não respondeu. Olavo olhou-o com os olhos marejados:

- Meu velho morre. - Pronunciou, quase inaudível. Puxou um lenço, enxugou as lágrimas e o suor da testa. Notou então a presença da criada.

- Ele delira.

Olavo ficou muito tempo sentado à janela do quarto, olhando, ora a rua, ora o corpo morto de seu pai. Os presentes respeitaram seu recolhimento e pouco lhe dirigiram a palavra.

Olavo Yadetz jurou, ali mesmo, que nunca mais pensaria no assunto.

Verão de 1985.

Olavo Yadetz pediu que seu filho Ian permanecesse no quarto do hospital:

- Ian, há algo que é preciso que você saiba. Algo que eu guardei segredo estes anos todos, que me foi revelado pelo seu avô, e você nem era nascido, a ele pelo pai dele, e pelo que sei vem sendo assim há gerações - Olavo parou de falar uns segundos e perscrutou o rosto do filho e continuou:

- Poderá lhe parecer estranho, mas eu jurei, diante de meu pai moribundo que... - Interrompeu a fala e fixou outra vez seu olhar no de Ian. Parecia que buscava uma maneira de dizer o que queria. Ian ponderou para si mesmo se fora prudente ter ficado. O estado de seu pai não era bom, conforme lhe dissera o médico, e ele se agitava muito nesse momento. Por outro lado, sentiu que seu pai estava prestes a lhe revelar algo muito importante e íntimo, ao menos assim lhe parecia, e isto açulou sua curiosidade:

- Sim, sim, diga, estou preparado. - encorajou-o.

- Não, não está - respondeu Olavo - assim como eu não estava e ninguém estaria.

Recostou-se na cama, suspirou e sem olhar para o filho continuou:

- Você talvez não entenda ainda, mas vai perceber cedo ou tarde, do mesmo modo que eu percebi. Procurei apagar de minha mente tais coisas, e, durante todos estes anos, quanto mais eu negava, mais a vida me mostrava o contrário. Por todos os céus! Eu tentei controlar; busquei que isto fosse uma bênção e não uma maldição... - Neste momento parou de falar e seu pensamento viajou até quatro décadas e meia atrás, à beira do leito de morte de Moisés Yadetz. Repetiu então a palavra "maldição" repetidas vezes. Ian levantara-se e falou:

- Pai, você está bem? - Olavo não respondeu ao filho, mas segurou-lhe as mãos e disse emocionado:

- Maldição, Ian, maldição! É disto que lhe estou falando. Há uma maldição na família! - Olavo tremia. Após anos de silêncio falava sobre este tabu que o atormentara tanto. Sentiu-se aliviado e deixou as palavras jorrarem incontroláveis:

- Ian, talvez você seja o próximo Yadetz a ter de suportar este malefício, se é que já não o percebeu. Quando meu velho pai o revelou para mim, não quis acreditar, mas certos fatos de minha vida me fizeram sentir que era verdade... O velho Moisés soube que era eu, mas agora, não tenho certeza qual de vocês...

Ian estava estupefato. Não conseguia pensar no que fazer. Apertou a campainha da enfermagem e abraçou o pai ternamente, enquanto balbuciava emocionado:

- Descanse, pai, descanse.

Ian saiu e decidiu não falar com a família aquela conversa que tivera a pouco com Olavo.

Olavo Yadetz morreu naquela mesma noite.

Sara Yadetz estava amargurada, mais ainda do que estivera nestes últimos anos, e, no entanto, sentia-se livre. "Como é possível?". Pensou, dando para si mesma uma explicação. "Como alguém que tivesse extirpado um membro para salvar a vida. É isto, ou quase isto". Formulou este último pensamento sentindo assomar-se a sensação de alívio. Sara sorria e seus olhos encheram-se de lágrimas. "Todos estes anos", continuava pensando, "como foram difíceis". Seus sentimentos e desejos de então, vistos agora, pareciam não lhe pertencer.

- Eu estava enfeitiçada - falou baixo, quase um murmúrio, num misto de desabafo e pergunta.

Ian entrou na sala no exato momento em que ela fizera tal reclamo. Sara Yadetz, que estava sentada diante de uma arca aberta, repleta de papéis, ainda sorrindo, olhou para o filho. Ian beijou-a e sentou-se a sua frente, do outro lado da arca. Os dois permaneceram em silêncio algum tempo, remexendo os papéis: fotografias, cartas, diários, recortes de jornais e muitos objetos de utilidade indefinida. Finalmente Sara Yadetz falou:

- Você e seu pai tiveram uma conversa na noite que ele morreu; o médico me falou que isto deixou-o muito perturbado, era alguma coisa que eu devesse saber?

Ian olhou-a com um ar embaraçado e hesitante. Sara continuou:

- Não precisa responder, se lhe constrange. Quanto a mim, não se preocupe, nada me ferirá, agora que seu pai está morto, mais do que já houve no passado, nem minha opinião sobre seu pai mudará. No entanto sinto que alguma coisa ele deixou de me revelar durante todos estes anos. É interessante que eu me lembre disto agora, mas às vezes, quando discutíamos, nas horas mais amargas, ele costumava repetir, "Você jamais entenderia..." , e o mais estranho, me pedia desculpas. Aquilo era sincero. - Sara Yadetz sorriu, segurou a mão do filho e completou:

- Eu ficava louca de raiva, mas hoje, e eu digo agora, neste exato momento, me ocorreu que talvez houvesse alguma coisa... Mas o que seria tão terrível assim? Outra mulher, uma vida secreta, um negócio escuso, um crime?... - Suas divagações foram interrompidas pela voz de Ian, firme e acompanhada de um semblante preocupado:

- Uma maldição?

Sara Yadetz sentiu seu coração acelerar e seu rosto, tinha certeza, ficou lívido; seus olhos azuis abriram-se espantados e sua voz saiu embargada e grave:

- Como? - e após uns segundos continuou - Foi isto que seu pai lhe revelou?

Estas últimas palavras quase inaudíveis.

- Foi - respondeu Ian, seco, ele mesmo surpreso de ter tão rapidamente esquecido a promessa de não tocar neste assunto. "Afinal", pensou, "ela tem o direito de saber as últimas palavras do marido, mesmo que fossem um delírio".

Sara Yadetz levantou-se visivelmente perturbada e exclamou:

-Meu Deus, meu Deus!

Disse-o em surdina, o que deixou Ian desconcertado, sentindo-se culpado de uma inconveniência fazendo-o exclamar:

- Desculpe-me! Eu prometera não tocar neste assunto. O médico me disse que no estado dele este tipo de alucinação pode ocorrer. Eu mesmo, na hora fiquei muito embaraçado, não sabia o que fazer.

Sara Yadetz não parecia escutar o filho, seus olhos estavam perdidos no infinito, e seus pensamentos tão longe quanto sua alma, vasculhando o passado, revivendo coisas que julgava esquecidas e suficientemente vividas. Repetiu as exclamações anteriores terminando num desabafo de assombro e irritação:

- Uma maldição...! Olavo Yadetz, que sua alma arda no inferno!

Ian tentava responder alguma coisa sem conseguir. "O que significava aquela exaltação?" pensou, sentindo-se encabulado. Foi com tal sentimento que conseguiu dirigir-se à mãe, de um modo ríspido:

- O que está havendo? Eu exijo que me explique!

Sara recuperara o controle, olhou séria em direção ao filho e ordenou:

- Conte-me tudo.

Ian, embora contrariado, preferiu aquiescer e pausadamente contou, tanto quanto podia reproduzir, o diálogo que tivera com Olavo Yadetz. Sara o ouvia atenta e grave. Ao final da narrativa suspirou como se relaxasse de uma tensão, sorriu de um modo consternado e disse:

- Desculpe-me Ian pelo descontrole de a pouco. Certas coisas que pareciam esquecidas simplesmente afloraram e creio, pelas circunstâncias e o insólito destas revelações, fiquei perturbada. Guardemos o melhor da memória de seu pai. Ele, como todos nós, tinha seus defeitos, mas era um homem digno.

Ian sentiu-se aliviado com as palavras da mãe e concluiu que ela tinha razão, sorriu e beijou-a carinhosamente.

Sara Yadetz mostrou-lhe algumas curiosidades:

- Esta arca pertenceu a um tal de Yehuda Yadetz, que emigrou para cá em... 1808, assim dizia seu pai - falou Sara num tom quase jocoso, e continuou - Isto dá ... 187 anos! - completou admirada - Quase dois séculos!

Olhou para a arca por uns instantes pensando de quantas coisas aquele objeto deve ter participado, o que lhe fez declarar:

- Não é uma arca bonita, mas parece em bom estado. Durará mais duzentos anos. - E soltou um pequeno riso - Ela é sua com tudo que tem dentro, conforme o desejo de seu pai escrito aqui. Sara, ato contínuo entregou a Ian um grosso envelope pardo no qual o nome dele estava escrito com a inconfundível caligrafia de Olavo Yadetz. Ian, após alguns minutos, retirou-se prometendo à mãe que no dia seguinte mandaria apanhar a arca. Estava ainda um pouco tenso mas considerou como encerrado, o episódio a pouco vivenciado. Prometeu também que conversaria com seus irmãos, Maria e Tito, mas não mencionaria os fatos recém ocorridos, "Pelo menos por hora", pensou.

Sozinha, Sara Yadetz mergulhou em reminiscências, e antes de abandonar aqueles devaneios, murmurou:

- Olavo Yadetz, onde quer que esteja, eu não lhe perdôo!

- II -

Carnaval de 1990.

Ian Yadetz verificou sua correspondência recém chegada: contas, propagandas e uma carta de sua irmã. Olhou o selo estrangeiro e guardou-a em sua pasta de mão, em meio a outros papéis. Juntou a bagagem restante e partiu para a praia, onde alugara uma casa por temporada, para aproveitar os feriados.

Lá, Ian sentou-se na grande mesa da sala. Vislumbrava o mar pela janela. O som das ondas chegava até seus ouvidos. Fazia calor. Espalhou os papéis sobre a mesa em montículos separados e abriu um diário de capa desgastada onde se podia perceber um monograma esmaecido, M.E. "Moisés Yadetz", pensou. Numa página marcada Ian abriu e leu:

"Recebi uma carta do Rabino D. junto com os manuscritos que pedi que traduzisse. Afirmou-me que, infelizmente, não me pudera atender pois seus conhecimentos não eram suficientes para tal empreitada. Confirmou apenas que se tratava de uma carta datada de 1740, de um certo Menahem Yadetz a seu filho Yehuda, versando sobre questões familiares. A maior parte dos assuntos o Rabino não pudera compreender. Creio que o Rabino mente, pois de fato não quer me revelar o que descobriu. Senão, porque me pediu que não mais o procurasse e nem me cobrou pela tradução? Terei dificuldade de achar um tradutor, pois, conforme o Rabino D. asseverou, além de ser numa linguagem arcaica, a carta parece cifrada em algum código desconhecido".

Ian deixou o diário de lado. Abriu a carta de sua irmã e leu:

"... estou tentando juntar as peças deste quebra-cabeças que se transformou minha vida. Gosto muito do Eliéser, muito mesmo, mas não vejo como poderei juntar-me a ele, se ele não quer. Pensando bem, talvez queira mas não consegue se definir. Aliás, eu também não sei o que quero... Eliéser nunca foi muito, digamos, entusiasmado a meu respeito. Chegamos a discutir o assunto mas ele negou; no entanto, é assim que eu sinto. Gostaria tanto de poder fazê-lo apaixonar-se por mim (...) Procuo aproveitar ao máximo este passeio, que está me fazendo muito bem, eu acho, mas não posso deixar de me entristecer quando penso em Eliéser (...) Escrevi para o Tito, igualmente me lamentando, espero não aborrecê-los (...) Mostrei a cópia do tal manuscrito antigo para o Professor, conforme me indicou. A reação dele foi muito entusiástica, encheu-me de perguntas, às quais não tinha como responder, contudo, garantiu-me que será capaz de ajudá-lo. Afinal de que se trata isto? Conte-me quando eu voltar ..."

Ian passou o resto do feriado aproveitando o sol e redigindo uma carta para o Professor. À certa altura pensou, cauteloso: " Talvez não devesse reviver tais coisas". Mas, agora era tarde. Durante quatro anos não tocara naquela arca, e quando o fez, o diário de seu avô mudou todos os seus planos.

Julho de 1990.

Ian sentia-se feliz. Era aniversário de sua mãe e haveria um jantar em família. Antes de sair para a festa refletiu sobre aqueles meses passados. Maria retornara e numa reviravolta do destino reencontrara o antigo amor, Eliéser. Casaram-se. Eliéser mudara completamente seu comportamento em relação a Maria, era impossível não notar este fato. Às vezes, algumas demonstrações de ardente paixão, que já presenciara, pareciam um tanto exageradas, até mesmo inconvenientes. Maria, percebera Ian, constrangia-se com alguns daqueles arroubos; "Mas para ela", pensava Ian, "era melhor desta forma do que não ser correspondida". Seu pensamento voltou-se para o irmão, Tito. "É um enigma", considerou mentalmente. Suas conversas eram desconcertantes, difíceis de serem acompanhadas. Isto o tornava um tanto excêntrico aos olhos dos outros. Ian gostava de ouvi-lo discorrer sobre os assuntos mais variados; suas opiniões poderiam ser tão infantis quanto surpreendentes. Parecia que não controlava bem sua mente criativa. "Uma pessoa muito inteligente e emotiva em demasia", concluiu seu pensamento.

Sara Yadetz vivia aparentemente feliz, mas nunca perdera um certo ar melancólico que lhe ensombrecia a imagem. Ian refletia deste modo ao chegar à casa de Sara Yadetz e ser efusivamente saudado à entrada por Eliéser. Abraçou a irmã, Tito e saudou sua mãe. Presenteou-a e confraternizou com todos por uns instantes. Minutos após, conversava com Maria quando Eliéser abraçou-a por trás do corpo e colocou seu queixo sobre o ombro direito da mulher, fazendo uma figura engraçada; um ser de muitos membros, duas cabeças e um tronco de mulher.

Tito, afastado, com as mãos nos bolsos, o corpo dobrado para frente, encarava um enorme aquário iluminado, repleto de peixes ornamentais. Ian aproximou-se de Tito e observou-o junto aos peixes. "Aquilo era muito próprio do irmão", pensou. Tito murmurava alguma coisa, dirigida àqueles seres aquáticos, como se realmente eles entendessem. Notou, curiosamente, que dois peixes da mesma espécie, mas diferentes, destacavam-se dos outros, certamente macho e fêmea, e um deles com grandes barbatanas e nadadeiras. De fato, quase todos os outros peixes encontravam-se no lado oposto do aquário e apenas este casal encarava Tito, que a esta altura estava com o rosto quase colado ao vidro do aquário.

- Mmmmmm - fazia Tito um som com os lábios cerrados. Ian aproximou-se mais e viu que o peixe maior agitava-se em torno do outro, ou da outra. Agora, todos os outros peixes estavam estáticos nos cantos do aquário. Tito parecia não notar Ian e continuava a murmurar para os peixes, balançando a cabeça e movendo os olhos. Ian admirou-se como o peixe parecia seguir os movimentos de Tito. Rodeava a fêmea e mordia-lhe as barbatanas com muita agressividade. Ela

fugia mas não conseguia ver-se livre do admirador. Tito aumentava sua peculiar onomatopéia e dava risinhos baixos.

Neste momento, através do vidro do aquário, Ian viu a irmã e Eliéser. Este a abraçava e a beijava na boca enquanto se comprimia contra os quadris de Maria. Ian olhava os peixes, a irmã, o cunhado, Tito e começou a ficar um pouco incomodado com a situação. Tito já dava pulinhos de contentamento enquanto a perseguição do peixe aumentava em agitação, e o abraço coleante e quase obsceno de Eliéser crescia em intensidade. Ian empertigou-se quando ouviu a mãe chama-lo do escritório anexo. Dirigiu-se rápido para lá.

Sara Yadetz sentou-se em um sofá e pediu para Ian sentar-se ao seu lado. Sorriam um para o outro. Ela dirigiu-lhe a palavra:

- Preciso contar-lhe algo muito importante. Maria está grávida, comunicou-me isto há pouco.

Ian sorriu mais abertamente e disse:

- Que grande notícia, e logo no seu aniversário. Que belo presente. Vou congratular-me com o casal.

Ian fez menção de levantar-se mas foi contido pela mãe, que exclamou sem alarde:

- Não, espere...

Ian interrompeu seu gesto, mas demonstrou surpresa. Sara Yadetz continuou:

- Eliéser não sabe.

Ian olhou-a por uns segundos com ar interrogativo e falou:

- Então vamos comunicar-lhe. Garanto que ficará felicíssimo. Pela maneira como parece estar apaixonado por Maria eu até imagino que não será muita surpresa.

Sara Yadetz olhou-o séria e, em voz pausada, explicou:

- Não é bem assim. Maria tem motivos para achar que Eliéser não quer filhos. Ela me disse que ainda não decidiu se terá a criança.

Ian também ficou sério, pensativo e respondeu:

-Isto é com eles realmente, mas gostaria que Maria tivesse esta criança. Ela deseja muito, eu sei... - Após breve pausa continuou - Que estranho, se for verdade, o Eliéser não querer filhos.

Sara Yadetz continuou séria e até circunspecta:

- O comportamento de Eliéser também preocupa Maria.

Ian parecia sentir um certo desassossego com esta conversa, pois não percebia exatamente a que se referia Sara Yadetz, e não lembrava de nenhum fato recente que justificasse tal impressão. No entanto sua mãe não era dada a divagações levianas. Sara seguiu:

- Maria sente-se muito pressionada pela exuberância afetiva de Eliéser... O que eu quero dizer é que ela queixou-se que está um tanto constrangida com o apetite sexual do marido.

Ian sabia que Sara Yadetz não tocava nestes assuntos a não ser que tivesse motivos muito fortes para tal e sempre que o fazia era de maneira muito formal, embora sem nenhum sinal de pudicícia. Mesmo assim não pode esconder um sorriso que procurou disfarçar enquanto continuava a escutar Sara Yadetz:

- Eu não sei o que fazer, e mesmo Maria não me pediu que interviesse, mas estou temerosa.

Neste momento Ian interrompeu-a:

- Creio que Maria saberá tratar este assunto. Afinal parece ser mais fácil ajeitar um excesso do que uma falta.

Dizendo assim Ian procurava ser atencioso e opinativo, sem perder o humor.

Sara Yadetz não mudou o tom:

- Você talvez não possa compreender, mas uma paixão desta pode destruir um relacionamento, tanto quanto a indiferença. - Seguiu-se um longo silêncio, respeitado por Ian, que previu uma confissão - Eu sofri por isto, creia-me. Quando vejo Eliéser lembro-me de mim mesma com seu pai. Era um desejo incontrolável, alguma coisa compulsiva. E mesmo depois de separada aqueles sentimentos me atormentavam... Maldisse seu pai por ter-me feito aquilo, mas como poderia ser culpa dele?

Sara Yadetz embora estivesse confessando algo muito importante não estava emocionada a altura do fato; parecia que usava aquele discurso como introdução para algo mais. Ian esperou a seqüência mas foram interrompidos pelo próprio Eliéser que, como sempre, alegremente, anunciou à porta do escritório:

- Vejam vocês quem nos honra com a visita. Virna Caspick!

Disse-o enquanto dava um passo para o lado permitindo a entrada no recinto de uma mulher belíssima, que fez o rosto de Ian aquecer-se levemente.

Virna Caspick era amiga dos Yadetz. Foram criados no mesmo bairro e frequentaram as mesmas festas e a mesma escola. Ian gostava de Virna Caspick mas nunca se sentira encorajado a

cortejá-la. " Com a distância, os sentimentos se amortecem", pensou, "mas nem tanto", concluiu seu pensamento.

Confraternizaram o tempo suficiente para que fosse anunciado o jantar. Um lugar a mais foi colocado à mesa para Virna Caspick. Foi uma refeição agradável. Sara Yadetz estava alegre e disfarçadamente prestou atenção em Virna, descobrindo então que a jovem viera ao jantar por causa de Tito que com certeza não a convidara. Por um momento seus olhos buscaram os de Virna e quando encontraram-se Sara Yadetz sobressaltou-se, ela sabia o que queria dizer aquele olhar.

Terminado o jantar, ouviram música enquanto continuavam a conversação. Os assuntos variavam a todo o momento, como é normal nestas ocasiões. Virna Caspick postou-se ao lado de Tito e parecia muito entretida e satisfeita em ouvi-lo. Ian percebeu isto mas não valorizou o fato. Maria ficou um tanto surpresa, Eliéser não notou nada, conforme confessou posteriormente. Sara Yadetz confirmava a sua impressão à mesa, Virna Caspick estava apaixonada por Tito:

- Espero que, seja lá o que há por trás disto tudo, não saia ninguém prejudicado. - Sara Yadetz pronunciou baixinho estas palavras enquanto olhava Tito, Virna, Maria e Eliéser todos enternecidos uns com os outros. Voltou seus olhos para Ian que, por sua vez, fitava o aquário com ar de espanto e falava:

- Ele morreu!

Sara surpreendeu-se e imediatamente perguntou:

- Meu Deus, quem morreu?

Enquanto Sara Yadetz observava o corpo de um peixe, boiando de barriga para cima, ouviu seu filho Ian exclamar:

- O peixe... ele bateu-se nas pedras até morrer, perseguindo a fêmea.

Ian rodopiou o corpo em direção aos presentes que, alertados pelas palavras dele, o observavam. Olhou-os e sentiu-se estranhamente distante de todos. Por sua mente passaram vários pensamentos; o pai antes de morrer, os manuscritos, as últimas mudanças havidas, a amargura da mãe e os peixes. Sentiu-se na obrigação de explicar a súbita atenção que despertara e dirigindo-se para Tito, de uma forma artificialmente casual:

- Aquele peixe, Tito, que você... observava... acaba de... matar-se.

Esperava, dizendo desta forma transformar o episódio numa espécie de jocosidade. Todos sorriram, menos Tito, que respondeu:

- É, as vezes a coisa toda descontrola.

Houve mais sorrisos, inclusive de Ian, de certa forma meio forçado. "É isto", pensou, "que faz de Tito um tipo extraordinário; suas respostas insólitas, ou... fala a sério."

A reunião estendeu-se por algum tempo a mais até que todos se retiraram.

Maria esteve imersa em seus próprios pensamentos, apesar de Eliéser ter mantido a conversa enquanto dirigia de volta para casa. Repassava sua própria vivência dos últimos meses, concluindo otimisticamente seu balanço. Com este estado de espírito aproveitou o recolhimento do lar para comunicar a gravidez ao marido. Ele talvez não reagisse com o mesmo otimismo que ela; haviam discutido adrede tal possibilidade e pactuaram por uma decisão conjunta. "Este é o problema", pensou, "talvez ele se sinta magoado por não ter sido consultado". Ademais, viviam um momento de grande enternecimento com a demonstração, da parte de Eliéser de crescente paixão. Seu medo era que tal fato quebrasse o encanto e magia daqueles dias.

Eliéser pôs-se a vontade e demandou a presença da mulher ao seu lado. Maria deixou-se envolver pelas ardentes carícias do marido, um tanto preocupada em achar o momento adequado para dar-lhe a notícia. O tempo passou e a natureza seguiu seu curso inefável.

Maria considerou, após um interregno indeterminado, que aquele era o momento.

Envolta pelos braços do marido, que já demonstrava recrudescente disposição para o amor ela falou:

- Preciso lhe contar algo muito importante. - Fez uma breve pausa, esperando uma resposta que não veio - Estou grávida.

Houve um longo silêncio. Podia-se ouvir a respiração de Eliéser ligeiramente acelerada e Maria sentia, junto ao seu corpo, que o coração do marido batia mais rápido. Eliéser, se pudesse olhar-se no espelho, estava afogueado e transpirava apesar de não fazer calor. Maria voltou a falar:

- Você entendeu o que eu disse? Vou ter um filho seu.

Ela começava a intrigar-se com o silêncio e a agitação do companheiro. Finalmente Eliéser levantou-se e circulou pelo recinto, a esmo, os olhos e cabeça voltados para o teto. Maria achou que aquela reação não condizia muito com o temperamento dele e insistiu em uma resposta que não obteve. Eliéser, olhou-a fixamente, com o semblante grave e demonstrando irritação retirou-se do quarto. Maria acompanhou-o, mas ao perceber que ele se refugiara em um canto isolado e escuro da casa, supôs que quisesse a solidão. Adormeceu preocupada com o amanhã.

Quando Maria acordou e procurou por Eliéser, não o achou, nem no leito nem na casa. Era sábado, portanto não fora trabalhar; muito menos era seu hábito, nestas ocasiões, acordar cedo.

"Nestas ocasiões... ", pensou com certa ironia, "quando houve ocasião como esta?" Tentou tranquilizar-se achando que ele "andava por aí"; não fora uma reação simpática à notícia da paternidade, e Maria pensou, "Esperava algo diferente".

Eliéser não apareceu o dia todo.

Fazia um mês que Eliéser saía de casa e Maria sentia-se muito triste. Pensava continuamente no marido, na sua gravidez e como quisera que tudo fora diferente. A mãe e o irmão Ian sempre que podiam lhe faziam companhia. Tito estava viajando e demoraria a voltar.

- Eliéser está muito perturbado. - disse-lhe o irmão - diria até que precisa de ajuda especial, tal a sua ansiedade. Não consigo explicar o que se passa e entendo menos ainda o que ele me fala. Entretanto insiste em afirmar que a ama.

- Como me ama? - respondeu Maria - Como é possível alguém que ama agir com tal brutalidade e... indiferença?

Maria sentia raiva de Eliéser, além do limite do tolerável:

"Fui humilhada". Pensava com freqüência.

Numa destas ocasiões, na casa de Ian, Maria refugiara-se de suas mágoas para recepcionar o retorno de Tito, que por ter viajado, só soubera dos fatos recentemente.

Tito atrasou-se, o que não era de estranhar.

- Tive de despistar Virna. - Desculpou-se de maneira incomum, já que era sabido pelos presentes ser ela seu par constante. - Ela vive me rondando e vigiando; de mais a mais não tem nada a ver conosco, quer dizer, com a nossa família.

Tito podia ser desconcertante, mesmo para os irmãos, o que levou Maria a protestar:

- Tito! Ela é nossa amiga antiga e no momento sua companheira; você está sendo grosseiro, deveria tê-la trazido.

Ian interrompeu a conversa, mesmo porque Tito mal prestara atenção às palavras da irmã, como era de seu feitio. Os assuntos foram postos em dia. Tito ouviu Maria queixar-se amargamente de Eliéser, e para surpresa dos presentes declarou:

- Eu falo com ele e tudo se ajeita.

Era uma das frases típicas de Tito, que desconcertava a todos. Ian ficou curioso em saber como Tito faria tal proeza.

- Eu já disse, conversei com ele e Maria o terá de volta. - Repetiu com um leve ar soberbo. Ian não mais tocou no assunto por saber inútil. Maria e Sara Yadetz riram disfarçadamente de Tito e mudaram de conversa. Pouco depois, em particular com Ian, Sara Yadetz perguntou séria:

- O que Tito pode fazer? Estou preocupada.

Ian ponderou que o irmão, apesar de imprevisível, não era dado a violências.

- Ele tentou animar Maria - Concluiu - Ao jeito dele, é só isso.

Sara Yadetz pareceu aceitar a sugestão e dirigiu-se para o convívio dos outros dois filhos. Quando chegou à sala encontrou Tito, Maria e Virna Caspick. A surpresa cedeu logo à curiosidade em compreender a situação, frente ao que Tito declarara ao chegar. Sara observou Virna atentamente e não pode deixar de perceber o grande constrangimento da jovem. Tito não parecia em absoluto perturbado, ao contrário, comportava-se de forma atenciosa. Nenhum dos presentes sequer sugeriu alguma surpresa ou fez qualquer indagação. Ian, por seu turno, percebeu que Virna não estava feliz. Entreolharam-se, ele encantado por vê-la, ela, aflita e agitada. Um certo brilho, inconfundível, que sempre se destacara de Virna, desaparecera; nervosa, seus olhos buscavam os de Tito a todo tempo, aguardando seja lá o que fosse. Ian notou ainda que Virna emagrecera e estava um tanto relaxada com sua aparência, o que não lhe era comum.

Alguns dias depois, Eliéser recebeu um recado de Tito, pedindo-lhe que o encontrasse. Havia um bilhete na portaria do hotel que se hospedara desde que abandonara o lar.

Eliéser, na hora prevista, dirigiu-se à praça pública indicada no bilhete; seguiu outras orientações e sentou-se no banco, esperando ter acertado o roteiro. Pensou que Tito poderia ter sido menos complicado ao marcar o local de encontro, mas já não o surpreendia as excentricidades do cunhado.

Eliéser sentia-se desconfortável. Durante aqueles dois meses, desde que largara Maria, sua vida tinha sido muito infeliz. Uma estranha sensação de ansiedade assomava-se do espírito de Eliéser e o atormentava. Pedira licença do trabalho e passava a maior parte dos dias no quarto do hotel, deprimido. Não havia um minuto sequer que deixasse de pensar em Maria. Tinha sonhos de paixão e volúpia pela mulher e acordava pensando em fugir, sumir e nunca mais voltar; temia pela própria sanidade. Pensou em buscar ajuda, "um psiquiatra, é o que preciso", pensava nestas horas. Não procurava os amigos e algumas poucas vezes ligou para Ian. Este pareceu ter tentado compreendê-lo, mas era difícil para Eliéser organizar seus próprios pensamentos. Fez um retrospecto dos últimos tempos de sua vida e surpreendeu-se com seu próprio comportamento.

"Como se apaixonara tão ardentemente por Maria?", perguntava-se seguidamente. Antes de ter-se ligado a ela a lembrança de seus sentimentos mergulhavam em numa névoa espessa e não se lembrava do que sentia então. Mesmo seus relacionamentos amorosos anteriores esvaeciam-se da memória. Uma tarde, um dia antes de receber o recado de Tito, perambulando pelas ruas, teve a sensação de que seu corpo não lhe pertencia, nem a sua vontade, e seu olhar não mais via o que queria ver. Pareceu-lhe, por alguns segundos, terríveis e angustiantes segundos, que Eliéser, o verdadeiro Eliéser, seguia os passos do outro Eliéser, o falso Eliéser! O delírio fora tão intenso que Eliéser tonteou, tropeçou e caiu. Aprumou-se lentamente, ofegante, nervoso e trêmulo; pensou e murmurou:

- Há algo errado comigo, e muito grave. - Voltou ao hotel, banhou-se e deitou para descansar, pensar e tomar decisões. Adormeceu e sonhou. Os velhos sonhos com Maria envolvendo-o em carícias; paixão frenética, o desejo incontrolado... Acordou assustado, querendo correr, fugir daquela obsessão; gritou:

- Eu sou Eliéser, dono da minha vontade!

No escuro do quarto, sozinho, ouvindo a própria voz misturada aos ruídos da rua, Eliéser chorou convulsivamente, pedindo:

- Ajuda, ajuda!

Nesta hora teve certeza que, fosse o que fosse, o havia dominado.

Eliéser sentia calor e ofuscamento pois sentara contra o sol. Passou a mão pelo rosto e percebeu que não se barbeara há dias; devia estar com uma péssima aparência. Divagava sobre suas agruras quando uma sombra cobriu-lhe a visão. Era a sombra de Tito. Eliéser observou-o com um certo espanto, pois o cunhado vestia um sobretudo, ou capa, que lhe descia aos pés, abotoada pelo pescoço. Para o calor que fazia aquele era o pior traje possível. "Talvez esteja doente", pensou, mas não teve ânimo de dirigir a palavra para Tito. Com o resto de humor que possuía sorriu de si para si ao pensar que havia um maluco pior do que ele afinal. Não fazia a menor idéia das pretensões de Tito, mas arriscou a supor que fosse por causa de Maria.

- Que mais poderia ser? - sussurrou consigo.

- Eu vim falar de Maria. - Soou alta e seca a voz de Tito, como se adivinhasse os pensamentos de Eliéser. - Você deve voltar imediatamente para casa; minha irmã está sofrendo muito e precisa de sua presença. Ademais, não fora esta conduta que eu lhe disse para ter com ela.

Enquanto dizia estas coisas extraordinárias para Eliéser, Tito desabotoou o sobretudo e afastou-se ligeiramente para o lado fazendo com que o sol outra vez ofuscasse Eliéser. Alguma coisa brilhava no peito de Tito, parecendo um bordado em letras douradas e que prendeu a atenção de Eliéser. A voz de Tito tornara-se monocórdica e ininteligível, os sons ambientes pareciam distantes. Eliéser suava profusamente em crescente ansiedade, com a sensação incomum que se desprendia do próprio corpo, sensação da mesma qualidade que o fizera cair na rua. O "outro" Eliéser estava horripilado, olhos e bocas escancarados, incapaz de qualquer movimento diante de Tito que, de braços abertos lhe deblaterava.

- Eu - tentava Eliéser, com enorme dificuldade, concatenar o pensamento - o verdadeiro Eliéser... senhor de minha vontade, não vou deixar que me dominem... não posso, não quero... meu Deus, me ajuda... estou enlouquecendo ou já estou louco... o que está me acontecendo?

Eliéser, durante aqueles minutos que antecederam a sua derrocada, indagara-se sobre o que aquele cunhado incoseqüente referia-se quando, reprovando-o, asseverara que não fora "aquela a conduta que preconizara ". Lembrava-se que encontrara Tito ocasionalmente na casa de amigos comuns pouco antes de retomar seu romance com Maria. Ao lembrar-se deste episódio seu pensamento obnubilou-se totalmente, o "outro" tomava conta de seu corpo e espírito. Uma sensação de angústia e medo dominou-o; não distinguia mais o ambiente circunstante e apenas percebia que caminhava tropeçadamente e chorava, balbuciando um nome que, como chama ardente, devorava suas entranhas de desejo:

- Maria, Maria.

- III -

Ian recebeu uma carta do Professor Rolof Eyer, o lente para quem remetera as cópias do diário de seu avô e dos manuscritos encontrados no baú. Tarde da noite, num sábado chuvoso, Ian serviu-se de uma bebida forte e pôs-se a ler a volumosa missiva do Professor. O que aparentemente seria uma leitura tediosa transformou-se em um emocionante encontro com questões até então insuspeitadas por ele. Releu a carta inúmeras vezes, consultou dicionários e enciclopédias que dispunha, fez anotações, desenhos e sublinhou as passagens mais interessantes. O Professor na verdade lhe remetera um estudo em capítulos, de forma visivelmente didática e elegante, em uma envolvente linguagem, tendo como referência o manuscrito, mas que citava fatos históricos e

opiniões que colocavam os textos da família em uma perspectiva inteiramente nova e inquietante. Dizia o Professor. Rolof Eyer em uma das passagens:

" Devo reconhecer que em todos os anos de estudo de tais assuntos esta talvez tenha sido a peça mais importante na qual pus os olhos. Se realmente existe tal manuscrito na forma original, conforme V.S. assevera que possui, e permita-me respeitosamente o ceticismo diante de tão rara circunstância, alguns fatos que permaneciam na obscuridade serão elucidados e, não hesito em afirmar, terão repercussão inimaginável no meio científico..."

Ian estava visivelmente perturbado com a argumentação do cientista, mas uma sombra de dúvida perpassava seu espírito. "Isto é inacreditável", pensava racionalmente, enquanto, emocionado, relia as explicações do Professor Eyer:

" ... consideremos, em resumo, o primeiro manuscrito, escrito por Menahem Yadetz; traça a história de um antigo ritual, que remonta à idade média, e suas citações estão perfeitamente corroboradas pelo que se sabe de outros documentos, inclusive em sua cronologia e lógica. Ele identifica e elucida o que se conhece como o "Estigma de Elohin", o qual em posterior ocasião, e espero que pessoalmente, lhe possa explicar com detalhes. O segundo manuscrito, de Ibn Yehuda, seu provável antepassado e neto de Menahem Yadetz, dá a solução ao estigma. Durante minhas pesquisas sobre estes manuscritos pude traçar uma longa história das conseqüências deste ritual, que embora conhecidos, careciam, até o momento de uma explicação. Sugiro que V.S. deva observar a maior discrição ao falar sobre tais assuntos, inclusive, permita-me o conselho, com seus próprios familiares. Não tome esta advertência como uma excentricidade, mas prudência, diante de fatos que não podemos explicar pela nossa racionalidade. Observe atentamente os acontecimentos ao seu redor, pois, a realmente se confirmar o que penso, alguns fatos extraordinários estarão ocorrendo, ou ocorreram ou ocorrerão entre os seus entes queridos".

Ian refletiu sobre estas palavras, repassou os eventos recentes mas não encontrou nada extraordinário, a seu ver, que justificasse as assertivas do Professor, mas, inquietava-se. Adormeceu sobre a mesa de trabalho e teve sonhos perturbadores. Acordou em plena madrugada e responsabilizou à bebida o caráter destes sonhos.

Eliéser voltou para casa o que trouxe mais preocupação do que alívio, tanto para Maria quanto para seus parentes. A situação não estava em absoluto esclarecida. Sara Yadetz chamou várias vezes Ian para conversar sobre este assunto:

- Maria não está feliz. Eliéser tem demonstrado grande instabilidade emocional.

Ian ouvia o relato mas não conseguiu saber o que significava aquela "instabilidade emocional". O cunhado parecia reintegrado ao seio da família e, mais importante de tudo, Maria não reclamava.

- São problemas conjugais normais - rebatia Ian.

- Não! - respondia veementemente Sara Yadetz - Não há nada normal neste caso.

Ian ainda procurou convencê-la que nada anormal ocorria, até que um dia, Sara Yadetz, visivelmente irritada retrucou:

- O que você sabe sobre isto? Nunca estive numa situação semelhante.

- E você, já vivenciou algo igual?

- Mais do que você possa imaginar.

- O que? - redarguiu Ian

Sara Yadetz olhou o filho fixamente como se procurasse saber se deveria ou não falar.

- Eu já passei pelo que Eliéser está passando - falou num tom sóbrio - Olavo Yadetz exercia sobre mim o mesmo fascínio que Maria exerce sobre Eliéser.

Ian ficou um tanto desconcertado com a revelação da mãe mas argumentou:

- E o que isto tem de extraordinário? As pessoas se envolvem, amam intensamente, às vezes sofrem por isto, faz parte da vida.

- Não é um fascínio normal; é algo inumano.

- Como você pode provar isto? - Disse Ian um pouco impaciente.

- Porque eu sei! Eu senti na própria carne o que é viver o desejo mais abjeto, mais escravizante, mais atormentado que existe. É algo indescritível... - Sara Yadetz neste momento estava afogueada, os olhos vagando por um horizonte imaginário, revivendo profundas emoções, ante um filho perplexo e encabulado por estas declarações - É perder a própria liberdade de ser, a própria vontade, a auto-estima; é humilhar-se, ter vergonha das coisas que deseja, aniquilar-se como pessoa. É saber que está derrotada e ter de aceitar este destino.

Ian, embora decidido a não levar adiante a conversa, sem saber porque falou:

- É, como um malefício!

Sara Yadetz parou seu olhar sobre Ian, estarrecida, tremendo e numa voz embargada de emoção exclamou:

- Você já sabe!

Aquilo fora muito longe, para o gosto de Ian; sentiu-se culpado por ter provocado constrangimento à mãe. Sara Yadetz chorava e Ian abraçou-a procurando reparar algo que ele mesmo não sabia o que era, nem como havia feito. Veio em sua mente, então, as palavras do Professor Eyer:

" ... Observe atentamente os acontecimentos ao seu redor, pois, se realmente confirmar-se o que penso, alguns fatos extraordinários estarão ocorrendo, ou ocorreram ou ocorrerão entre seus entes queridos..."

Os dias passavam sem aparentemente nenhuma novidade, o que para Ian e suas crescentes preocupações era um alívio. O seu interesse pelos manuscritos aumentara desde a última carta do Professor Rolof Eyer, mas, com certeza, o que lhe alimentava a curiosidade era a sensação, cada vez mais forte, de que os recentes problemas familiares tinham a ver com aqueles papéis. Mesmo repudiando esta idéia, vez por outra via-se conjecturando sobre o fato. "Mas o que, e como?", perguntava-se. Elaborou para si mesmo uma explicação que considerava a possibilidade de um mal genético, "uma forma de loucura hereditária", pensava; "mas que tipo de loucura? O que faria um louco desses?". Rebuscou todas as histórias de família e não encontrou uma pista sequer. "Que normalidade exasperante", concluiu, afinal, seus pensamentos. Resolveu intimamente prestar mais atenção às pessoas a sua volta, inclusive ele mesmo. Foi numa destas ocasiões, em que estava absorto com seus próprios pensamentos que recebeu a visita de Virna Caspick. Há semanas que não a via, e por isto espantou-se com a aparência da amiga. Virna estava abatida, descuidada e por incrível que pudesse parecer, feia.

A conversa que tiveram abalou-o ao ponto de reconsiderar como mais plausível a sua teoria da loucura, não a familiar, mas coletiva e contagiosa. Virna Caspick estava amargurada com Tito; suas palavras demonstravam uma enorme ansiedade pois se perdiam antes de completarem um pensamento lógico. Foi extremamente difícil para Ian entender a argumentação de Virna. Ela demonstrava temor a Tito; suas mãos trêmulas e geladas seguraram as de Ian, em um dado momento, enquanto suplicava:

- Ian, por favor, ajude-me. Estou desesperada. Fale com Tito, peça para ele me liberar, peça-lhe isto como um favor a um irmão!

- Porque - indagou Ian - você mesma não lhe diz isto?

Virna olhou-o com lágrimas nos olhos e num quase gemido respondeu:

- Porque eu não posso; não tenho forças, não consigo!

- Suponho que você está apaixonada, perdidamente apaixonada, e tem medo de perdê-lo pois percebe que ele não a ama o suficiente...

Ian não pode terminar o raciocínio pois Virna levantou-se abruptamente e gritou:

- Eu odeio Tito!

A situação era complicadíssima, e pouca possibilidade ele via deste colóquio resultar em algo proveitoso. Ian não queria se intrometer nos assuntos do irmão, já que este era um sujeito de temperamento imprevisível, mas não poderia deixar de ajudar uma amiga. Por outro lado, ponderou para si mesmo que Virna talvez não estivesse sendo razoável em pedir-lhe algo que lhe parecia banal, terminar um romance, por mais ardente que fosse. Começava a irritar-se com a amiga e isto o deprimia. Enquanto pensava numa forma elegante de encerrar aquele encontro ouviu algo que o fez mudar de idéia:

- Tito é um possesso. Ele tem um poder maléfico sobre as pessoas, sabe disto e o usa quando lhe apraz. Ele se diverte vendo os outros sucumbirem às suas seduções; está cada vez pior, descontrolado, louco!

Permaneceu calado enquanto Virna lhe contava o que era viver com seu irmão. Por fim, ela completou:

- Veja o que ele fez com o pobre do Eliéser. É preciso parar Tito!

As derradeiras palavras de Virna foram ditas entre convulsões de choro e gestos de desespero. As palavras do Professor ecoavam em sua mente. Com o resto de calma que possuía, tentando controlar as próprias emoções, conduziu-a para casa.

Horas depois, refletindo melhor, decidiu-se por conversar com Tito, mas convenceu-se definitivamente que Virna estava com algum problema mental. "Afim", pensou, "os outros parecem mais loucos do que nós".

Novembro de 1990.

Ian procurava organizar sua vida. "Quando tirar férias?" Pensava. Devia levar em conta o nascimento do sobrinho, previsto para fevereiro de 1991. "Antes, durante ou depois do parto? Até parece que o filho é meu"; continuou a conjecturar. Decidiu consultar Maria, talvez ela lhe desse um bom palpite. Com este intuito dirigiu-se à casa da irmã.

Eliéser o recebeu na porta. Era um fim de tarde muito quente o que fez com que estranhasse o cunhado agasalhado. Não comentou o fato, de resto corriqueiro, mas notou a aparência abatida de Eliéser; emagrecido, com olheiras e sem aquela efusividade característica. "Talvez esteja adoentado", pensou mas não falou. Logo, Maria juntou-se a eles e conversaram algum tempo sobre trivialidades. Não pode deixar de perceber um certo constrangimento tanto de Maria quanto de Eliéser. Pensou que viera na hora errada, em meio a talvez alguma querela do casal. Já desistira de falar o motivo que o trouxera ali e estava a ponto de partir quando Eliéser levantou-se, pediu licença e saiu de casa. Ian pôs-se mais a vontade para perguntar pela saúde de Eliéser a sua irmã, mas esta não respondeu de imediato. Após breve silêncio Maria disse:

- Eliéser não está nada bem. Não é propriamente sua condição física, mas mental. Realmente não sei o que fazer pois não sei do que se trata. Ele não fala comigo sobre nada. Passa os dias andando pela casa murmurando, taciturno ou então, como fez agora, sai e leva horas andando a esmo, sem dizer para onde foi ou o que fez. Eu nem pergunto mais nada pois ele não responde. Vez ou outra percebi que chorava; come pouco e mal dorme. Não se aproxima de mim, não me toca e fica me espreitando pela casa. Tentei convencê-lo a procurar ajuda; ouviu mas não disse uma palavra. A vida ao seu lado está ficando insuportável, realmente não sei o que fazer.

Estas palavras foram ditas em um tom de melancolia e deixaram Ian consternado. Sem perceber exatamente porque, perguntou:

- Você acha que isto tem a ver com Tito?

Vendo que fizera uma pergunta tola tentou corrigir mas foi interrompido pela irmã:

- Acho que sim, embora não saiba exatamente como.

Ian procurou colocar a conversa numa perspectiva mais racional:

- Eu quero dizer... que soube que ele teve um encontro com Tito pouco antes de retornar para casa, e talvez nosso irmão tenha dito algo inconveniente, ou seja lá o que for. Você conhece Tito, ele é capaz de ter inventado uma história nos envolvendo... sei lá!

- Pode ser - respondeu Maria - mas o fato é que Eliéser tem medo de Tito. Eu nunca o vi desta forma; Eliéser nunca foi medroso mas quando toco no nome de Tito ele fica visivelmente perturbado.

Ian vendo a tristeza da irmã desistiu de lhe contar as recentes conversas que tivera com Sara Yadetz e com Virna Caspick, apenas assinalou que teria uma conversa com Tito.

- Não acho conveniente tocar neste assunto com Tito - ponderou Maria - não temos certeza do que realmente os dois conversaram e não sabemos de fato se há alguma ligação entre os

problemas de Eliéser e nosso irmão. Tito pode ofender-se, e com razão, e isto só complicaria mais ainda as coisas.

- No entanto, Maria, não é apenas o Eliéser que me preocupa, mas Virna e Sara Yadetz.

Após dizer tais palavras é que se deu conta que mais uma vez deixara de cumprir uma determinação de silêncio que se impusera. Isto vinha acontecendo de forma cada vez mais freqüente. Irritou-se consigo mesmo pelo fato.

- Como assim?.

- Pode parecer um tanto estranho, mas as queixas de Virna sobre Tito, as histórias de Sara sobre o passado dela com nosso pai e este seu relato sobre Eliéser fazem um certo padrão, como se tivessem algo em comum que infelizmente não consigo identificar o que é.

Ian procurou ser evasivo com Maria pois ponderou consigo mesmo da inconveniência que poderia estar cometendo caso envolvesse a irmã com hipóteses absurdas em momento tão delicado em que ela se encontrava. Guardou para si o que considerava ainda como fantasias de sua mente. Conduziu habilmente a conversa no sentido de dar a ela conforto e apoio moral. Despediu-se da irmã com o coração pesado de preocupações.

Enquanto caminhava pela rua, sem um rumo definido, buscando desanuviar seus sentimentos, teve a sensação de que era seguido. Virou-se rapidamente e viu Eliéser a poucos passos atrás. Parou, na expectativa de que o cunhado o alcançasse, mas, para sua surpresa, este estancou, rodopiou nos calcanhares e quase a correr, fugiu. Ian ficou olhando Eliéser distanciar-se enquanto seu estado de espírito ensombrecia-se ainda mais. Conjecturou que o melhor que podia fazer, nestas circunstâncias, era recolher-se à casa e tentar não pensar mais nos problemas dos outros. Foi o que fez.

Em cima da mesa da sala encontrou um pacote. Os selos estrangeiros prenunciavam que nem mesmo em casa se livraria das preocupações. Era uma nova correspondência do Professor Rolof Eyer. Quase simultaneamente o telefone tocou e, revendo uma decisão anterior "irrevogável", atendeu de imediato. Era Tito. Ouvira-o, sem tirar os olhos do grosso envelope à sua frente. Ao desligar teve certeza de que o dia mal começara em suas atribulações. Tito estava vindo até sua casa. Segurou a correspondência, palpou-a, sopesou-a e finalmente guardou-a.

Tito não demorou a chegar e pôs-se logo à vontade. Serviu-se de qualquer coisa, e imediatamente falou para o irmão:

- Você esteve falando com Virna. De que trataram?

Ian já o conhecia bem para avaliar com cautela como deveria responder tal pergunta, mesmo assim, surpreendeu-se com a maneira direta, e até ríspida, com que fora abordado. Sentiu uma ponta de irritação mas não deixou-se levar pelo ímpeto de encerrar ali mesmo aquele colóquio. Ademais, a curiosidade, uma faceta sua que começava a preocupá-lo, era maior do que sua indignação. Resolveu dar uma resposta que lhe permitisse sondar as intenções do irmão:

- É verdade, ela me procurou estes dias. - Fez uma pausa esperando que Tito insistisse em saber o que haviam conversado, mas ao invés, este interpelou-o:

- Com certeza veio queixar-se de mim e você a incentivou.

Tais palavras fizeram Ian rever sua estratégia inicial. Tito estava zangado decerto, e provavelmente não sem razão. No estado em que Virna se encontrava deve ter havido uma enorme briga entre eles. Apenas precisava deixar claro o seu papel na questão. "Agora mais esta, um irmão ciumento", pensou, mas falou outra coisa:

- Você está sendo indelicado comigo. Sabe que jamais faria isto. Fiquei preocupado, ela estava muito aborrecida. - Julgou, desta vez corretamente, que assim dizendo arrefeceria a agressividade do irmão. Este respondeu:

- Bolas, eu já deixei claro para ela que não a quero mais... - Dito isto, levantou-se para servir-se de mais do que viera bebendo - Você também andou falando a meu respeito com Maria.

A paciência normalmente admirável de Ian ia-se esvaindo celeremente, de tal modo, que não havia mais estratégia a seguir no caso. Intrigava-o aonde chegaria esta conversa e isto lhe deu um pouco de ânimo para responder:

- Vamos esclarecer as coisas Tito. Eu não tenho nada a lhe dizer sobre o que conversei com quem, portanto se não houver algo objetivo que você queira me dizer podemos conversar sobre outra coisa.

- Não se ofenda; aliás, você também tem conversado muito com Sara Yadetz sobre coisas que me dizem respeito, mas não digo isto como reprovação, quero somente saber o que há...pelo menos que me ponham a par destes assuntos.

A sensação que sentia era de que Tito estava encenando aquela coisa para disfarçar seu real intuito em ter vindo à sua casa. Isto lhe trouxe uma inquietação indefinida e deixou-o alerta para o que viria a seguir. Tito continuou num tom mais amigável:

- Apesar do que pode parecer em contrário, eu me preocupo com os assuntos de família...Quero dizer, você herdou coisas de Olavo Yadetz, e as tem comentado, mas nunca comigo.

Agora sabia do que Tito viera atrás, os manuscritos. Buscou na memória alguma coisa que pudesse justificar o modo queixoso do irmão; não encontrou razão para tal atitude. No entanto, percebeu que, não tendo escondido a existência dos manuscritos, nem as iniciativas para traduzi-los, jamais dissera claramente o que eles continham, muito menos as suas conjecturas. "Talvez com medo de parecer ridículo" pensou. Mas agora tinha diante de si um fato que acrescentava novas interpretações ao assunto. "Por quê" ainda pensava, "Tito repentinamente se interessaria pelos manuscritos?":

- O que isto tem a ver com Virna, Maria ou Sara? E de onde você tirou esta idéia de que as coisas que herdei lhe dizem respeito?

- Porque... - Tito buscava palavras que não encontrava e substituiu-as por expressões faciais tentando demonstrar obviedade. - Porque...eu as compreendo.

- Compreende o quê?

- Ora, você sabe...Virna lhe contou...

- Virna não me contou nada. - Ian mentiu - O que ela me disse era que estava muito triste com os rumos do romance de vocês dois, e pediu-me apenas conselhos, pressupondo que por ser seu irmão, poderia lhe apontar uma saída, coisa que eu a fiz ver não seria capaz. E isto foi tudo.

Tito pareceu ter arrefecido o ânimo pois respondeu ao irmão em um tom claramente conciliador:

- Mas não me negue que tem pesquisado sobre aqueles escritos.

- Isto não é novidade para ninguém. Por favor, Tito, eu insisto, diga com clareza o que você quer... - Tito o interrompeu:

- 'Tá certo, eu quero ver os papéis!

- Infelizmente não os tenho comigo, porém, acho que existe uma cópia por aí - e alçou a cabeça em direção ao escritório. Mentia outra vez, mas não vacilou neste caso porque algo lhe dizia para não mostrar os originais ao irmão. Tão logo terminou de acenar para aonde estariam os originais, lembrou-se que Tito não era uma pessoa recatada e, por isto, bem poderia começar, por conta própria, a remexer as coisas de Ian, e então, acabaria por achar os originais que jaziam em uma das gavetas da escrivaninha. Tais pensamentos provocaram o salto que deu em direção ao seu escritório e ato contínuo sacou de dentro de uma das gavetas a providencial cópia que fizera. Voltou-se para o irmão, com grande presteza e entregou-lhe o volume dizendo:

- Aí está. Acho que isto satisfaz sua curiosidade. Pode ficar com ela. - Ian julgou que ocorreria com Tito o mesmo processo por que passara; finda a curiosidade, a indiferença com algo ininteligível.

Tito reclinou-se na poltrona de modo mais confortável e, atentamente, pôs-se a ler.

De todas as surpresas que Ian já tivera na vida, com relação ao irmão, aquela sem dúvida fora a maior e deixou-o perplexo, porque, de fato, Tito lia o manuscrito, e para maior pasmo seu, parecia entendê-lo.

Durante muitos minutos o silêncio reinou na sala, quebrado apenas pelo balbuciar de Tito. Ian, já conformado com sua surpreendente curiosidade, se perguntava onde, como e porque seu irmão adquirira tal cabedal de conhecimentos que o permitia ler uma escrita antiga e quase extinta. Procurou colocar-se em uma postura mental de paciência e cautela com relação ao que se seguiria.

Tito terminou a leitura visivelmente emocionado pois suas mãos estavam trêmulas, seu semblante carregado e sua testa ensopada de suor. Soltou um longo suspiro e falou:

- Preciso ver os originais.

- Não os tenho comigo agora - respondeu Ian - Estão guardados no cofre do banco.

- Podemos apanhá-los agora, os bancos estão abertos.

- Não creio que isto seja necessário, estas cópias estão perfeitas.

Tito levantou-se, visivelmente irritado:

- Eu quero estes originais e você não irá negá-los.

Ian percebeu que o assunto tomara rumos incomuns e que seu irmão estava se descontrolando. Sua determinação de não dar aqueles papéis tornou-se ainda maior. Procurou falar da maneira mais polida que pudesse:

- Eu compreendo sua curiosidade, mas quero lhe lembrar que tais documentos me pertencem, por direito, e não estou disposto a entregá-los a quem quer que seja, pelo menos por enquanto.

- Então aquela doidinha lhe envolveu direitinho. - Respondeu Tito de maneira sarcástica e agressiva.

- Não seja idiota! - Exasperou-se Ian.

- Ha! Resolveu protegê-la. Mas claro, afinal quem não sabe por quem seu coração bate mais forte?

Ian estava furioso, não só pela ousadia do irmão mas pelo fato que realmente era verdade o que dizia. Relembrou, então, o encontro com Virna Caspick, ali mesmo, naquela sala, buscando uma conexão entre a atitude do irmão e aquele entrevero; parecia que... "Virna contara tudo a Tito..." pensou, "... e foi assim que, talvez, ele tenha imaginado que eu ligaria tais fatos com os manuscritos... Então, talvez ele já desconfiasse do conteúdo dos papéis... Mas como?"

Subitamente, em meio ao vozerio de Tito e os protestos de Ian, este teve uma revelação interior e convenceu-se de que, desde sempre, Tito soubera da existência dos manuscritos, mesmo antes deles chegarem às mãos de Ian, e nunca se esforçara por tê-los, talvez para encobrir alguma coisa que poderia ser revelada... "Se os manuscritos fossem traduzidos!" O pensamento de Ian voava juntando fatos e chegando a conclusões cada vez mais inquietantes, pois certamente que, se Tito já pusera os olhos nos manuscritos antes daquele dia, não pudera lê-los mas, em conseqüência, dispusera-se a estudar, em segredo, línguas arcaicas e aguardara a oportunidade, que considerara uma certeza, para então... O destino por seu turno fez com que os papéis parassem em outras mãos, fato que aborreceu Tito mas não o perturbou em demasia pois, este outro, era seu irmão. Enquanto os manuscritos estivessem no fundo do baú, Tito estaria seguro, qualquer que fosse o conteúdo deles, e, com o tempo, acabaria pondo-lhes as mãos, mas, os fatos seguiram outro rumo. Ian teorizou, acertadamente, que talvez Tito tivesse visto os manuscritos ainda criança e aquilo, por algum motivo inescrutável, o impressionara indelevelmente, tornando-se, também por vias obscuras, uma espécie de obsessão. Uma fantasia infantil, provavelmente, lhe dizendo que, caso daqueles papéis mágicos caíssem em mãos erradas, sua vida corria perigo. Ian, mesmo sem saber, tornara-se o inimigo mais temido de Tito, e por isto, e se fosse correta sua teoria, Tito estaria disposto a tudo para obter os manuscritos. Precisava ganhar tempo e acalmar o irmão, assim, propôs quase gritando:

- Certo, não vou brigar com você por causa de uns papéis velhos e inúteis, que já deveriam mesmo ter sido destruídos, eu os entrego.

Tito parou instantaneamente de arengar, arregalou os olhos e vociferou:

- Jamais permitirei que estes escritos sejam destruídos.

- Certo de novo! - Gritou por seu lado, Ian, sem muita convicção do papel que pretendia representar - então pode ficar com eles. Assim que eu os retirar do cofre, amanhã mesmo.

Era uma tentativa para conter aquela raiva, mentir desavergonhadamente. Pareceu ter dado certo, pois Tito, mesmo guardando um semblante ameaçador, conteve-se por alguns instantes.

Circulou pela sala, dirigiu-se à porta, abriu-a e antes de sair batendo-a furiosamente, praguejou para o irmão:

- Estarei esperando então, mas não acredito que vá fazer isto, está mentindo! Você se arrependerá amargamente!

Ian estava aturdido. Prostrou-se no sofá na esperança de se acalmar um pouco. O silêncio reinante o fez perceber sua respiração ofegante, seu coração acelerado e um murmúrio abafado que vinha por detrás da porta de entrada. Foi até lá e olhou pelo visor da porta. Lá estava Tito, de braços abertos, falando sozinho ; por fim, entrou no elevador e foi embora. Ian voltou para o sofá.

A noite já ía alta quando Ian acordou com a sensação de que tivera um pesadelo. Aprumou-se, e após se tratar condignamente, sentiu disposição para pensar sobre os fatos. "Ah! A carta do Professor", pensou animadamente, nutrido que estava de persistente curiosidade. Abriu o grosso envelope e pôs-se a lê-lo.

- IV -

O Professor Rolof Eyer resumira o conteúdo dos manuscritos:

" Permita-me sintetizar, tanto quanto possível guardando fidelidade ao texto original, o que ele revela. Peço desde já a sua benevolência e, principalmente, a sua fé, quando as coisas descritas parecerem fugir ao bom senso. Procure lembrar-se que nossa cultura é apenas uma das inúmeras que já existiram e certamente existirão, e nada nos garante que venha a ser a mais perfeita e sábia, ou que já não tenha havido alguma que de fato justificou o título de "evoluída". Continuando:

Outrora, o extraordinário cabalista HGIZ VITAL ensinou a um tal ISAAC ADAMYADETZ, seu discípulo, rituais de invocação dos arquétipos essenciais da cabala. Ao proferir as palavras ritualísticas, o ordenador cria potências espirituais relacionadas com os mandamentos (sefirás) . Seu espírito, guiado por estas entidades sobrenaturais, deve percorrer e vivenciar todas as sefirás e, finalmente, invocar o nome secreto de Deus. Isto trará proteção e equilíbrio à casa que o praticou.

ELIHAS ADAMYADETZ, um de seus descendentes, descreveu-o como se segue:

" Após identificado o mensageiro, TZADICK, é-lhe ensinado, na idade apropriada, as funções do aperfeiçoamento espiritual, permitindo-lhe eliminar os fatores negativos, ou forças demoníacas do "outro lado". O mensageiro deve poder, pelo ritual, circular pelos "dois lados" e, por conjurações específicas, conter o mal, através de uma expiação."

ELOHIM YADETZ, séculos depois, assinala que os rituais estavam incompletos. Corrigiu-os, mas, parte dos rituais errados continuaram a se espalhar, provocando um efeito indesejável e permanente naqueles indicados como TZADICK. Isto tinha a ver com a nona sefirá, o IÉSOD, "o fundamento", que se relacionava com os órgãos sexuais masculinos e femininos, ou seja, a capacidade de despertar tais forças e manipulá-las. Ao que parece, o TZADICK perdia o controle sobre estas forças poderosas, o que gerava graves problemas. É o que se conhece como o " Estigma de ELOHIM " .

MENAHEM YADETZ identifica a linhagem errada entre seus familiares, escreve uma correção dos rituais cabalísticos e alerta para o perigo que se corre não fazendo a coisa certa. Ele deixou uma copia dos antigos códices cabalísticos para seus descendentes, provavelmente IBN YEHUDA que descobriu também que o ritual herdado de seus ancestrais podia impedir a manifestação do mal naquele TZADICK, desde que feitas as orações ritualísticas, mas não impediam a transmissão do poder. Por outro lado, perdera-se a fórmula que poderia impedir tal transmissão.

IBN YEHUDA escreveu estas coisas para seu filho ISRAEL YADETZ. Este por sua vez, por observação, descobriu que a manifestação do TZADICK se dava de forma espontânea através de revelações místicas e oníricas. Uma vez isto ocorrido dificilmente o TZADICK confessava seus poderes, o que fez com que ISRAEL YADETZ recomendasse a seu filho MOISÉS YADETZ que procedesse ao ritual de purificação com todos os seus filhos.

O TZADICK, escolhe como sucessor, em geral, alguém de sua linhagem e o submete, ao nascer, ao ritual de apresentação das sefirás. Isto pode ser

impedido pela imobilização do TZADICK quando este estiver em transe, invocando certas palavras ritualísticas. Outra via é - mesmo após o sucessor ter sido consagrado às potências espirituais das sefirás, o que o tornará um TZADICK, quando na apropriada idade tiver a revelação - proceder ao ritual de correção elaborado por MENAHEM YADETZ. Neste último caso o sucessor continuará a ser um TZADICK mas não poderá usar nenhum dos poderes cabalísticos ficando, no entanto, consagrada e protegida a sua casa (o intuito original desta cabala) e podendo ainda ordenar o ritual e escolher um sucessor. Desconfia-se que, mesmo que o ordenador não escolha um sucessor, isto ocorrerá de qualquer modo."

Ian estava diante de um dilema. Em que acreditar? Por um lado as coincidências o obrigavam a pelo menos ler o que o Professor lhe relatava, por outro lado sua formação intelectual rejeitava tanto absurdo. Por fim decidiu-se pelo que considerou o "bom senso" e continuou a leitura encarando aquilo com ceticismo. Este sentimento reforçou-se quando em um trecho da longa missiva o Professor Rolof escreveu:

"Tenho como meu auxiliar um jovem muito talentoso, Rabi Judah Recani, e este me recomendou que lhe fornecesse a pequena oração que se segue como uma forma de proteger-se caso venha a ser envolvido pelos poderes de um TZADICK."

A oração era curta, umas vinte palavras, escrita em hebraico e ao lado vinha sua tradução acompanhada de recomendações rituais. Ian repetiu-a em voz alta, várias vezes, terminando por memorizá-la, sem entretanto postar-se como o recomendado. No final da carta o Professor Rolof Eyer sugeria a sua própria vinda, juntamente com o Rabi Judah Recani, em futuro próximo:

"Creio, Sr. Yadetz, que seria de imensa utilidade científica se eu e meu ajudante pudéssemos estudar o manuscrito no seu original. Acreditamos que nele está contida a descrição do ritual completo a que já me referi. Compreendo destarte que haveria uma justa relutância de sua parte em se separar de tão preciosa raridade, pelo que nos propusemos a viajar até seu país, com a sua complacência, é claro, para pormos os olhos nestes papéis. Ademais, poderíamos verificar "in loco" se há alguma manifestação de um TZADICK..."

Ian, a princípio repudiou a idéia de ter mais estes personagens em meio a uma crise familiar, mas, por outro lado, não achava plausível encerrar o assunto no ponto que chegara. O Professor Eyer era um renomado historiador, talvez um tanto excêntrico, e pelo entusiasmo que demonstrava dificilmente aceitaria uma negativa como resposta. Mais uma vez a curiosidade assaltava Ian. Decidiu-se pela aceitação da vinda do Professor e seu assistente:

"Tão logo estes problemas familiares se acalmem", pensou.

Os dias passaram e a paz parecia ter voltado aos lares dos Yadetz. Ian preparava uma resposta ao Professor Eyer deixando para o final a sugestão da época em que o lente poderia vir. Tito não dera sinal de vida, o que fez com que Ian reavaliasse suas teorias, tendo chegado mesmo a se achar um tanto ridículo pela atitude que tomara com o irmão. Por via das dúvidas, resolvera guardar os manuscritos em seu cofre particular no banco. Seus contatos com a família não lhe revelaram nenhuma mudança maior nos humores, embora não pudesse afirmar que as coisas haviam melhorado. "Menos mal", pensou, "se não melhorou ao menos não piorou". Aos poucos colocou seus negócios em dia, e começava a sentir um certo alívio em poder viver sem sobressaltos.

O telefone tocou. Era Maria:

- Ian, eu mandei Eliéser embora de casa.

Ian, já na casa de Maria, avaliava o que poderia advir daquela situação, a tomar como padrão os últimos meses. Após ouvir a irmã e Sara Yadetz, suspirou resignado e perguntou:

- E por onde anda seu marido?

- Ex-marido. - Emendou Maria com um certo escárnio na voz.

- Ex-marido. - Consertou Ian desalentado.

- Não faço a menor idéia, nem quero saber. - Respondeu Maria, logo a seguir corrigida por Sara Yadetz:

- Está morando na casa de Virna.

- Virna? - Ian e Maria falaram ao mesmo tempo com igual surpresa.

- É. Virna - Continuou Sara, um tanto surpresa com os filhos. - Eles são amigos tanto quanto nós, e ademais achei um gesto delicado dela.

Ian concordou e Maria calou-se. Alguma coisa inquietava Ian naquele fato, e um pensamento martelava sua mente: "Tito."

Procurou não deixar estas preocupações transparecerem, mas teria de certificar-se de suas dúvidas. Resolveu ir até a casa de Virna.

Ian foi recebido amavelmente, até com alegria, o que, embora não fosse estranho para um amigo, parecia um pouco forçado para ocasião. Ponderou consigo mesmo que andava meio desconfiado das reações das pessoas - daquelas pessoas - ultimamente. Iniciaram uma conversa despretensiosa até que estivessem a vontade para tocar no assunto pelo qual Ian viera. Eliéser foi o primeiro a falar:

- Eu sei que tenho trazido muitos problemas para a família, mas agora as coisas vão normalizar. Pode acreditar. Alguns acertos... Bem, eu me reencontrei, é isto! E percebi que meu casamento foi um engano. Eu quero bem a Maria, mas nunca serei capaz de fazê-la feliz, porque simplesmente não a amo o suficiente. Não que ela não mereça ser amada...

Ele falava se dirigindo ora para Ian ora para Virna que sorria condescendente, mas sua última alocação foi para seu cunhado:

- Você compreende, não é Ian?

- Compreendo o quê? - Foi a resposta num tom entre a curiosidade e a surpresa.

- Todas as... circunstâncias... - Eliéser fazia mímicas ao responder, apontando com a mão aberta para as pessoas e o ambiente tentando substituir seu embaraço verbal por gestos.

Ian mesmo não querendo pensar na hipótese teve certeza, naquele momento, que o assunto acabaria chegando ao irmão, e num impulso falou, pausadamente:

- Quero que os dois me digam, com toda sinceridade, o que Tito tem a ver com tudo isto?

Todos se entreolharam em silêncio, percebendo-se que a alegria até então reinante era frívola. Ian aguardou mais um pouco para que seus interlocutores se decidissem a falar, e como não o fizessem, ainda constrangidos, insistiu:

- Tenho motivos para achar, e vocês bem sabem disto, que meu irmão, por meios obscuros para mim, exerce uma certa influência incomum sobre determinadas pessoas, entre as quais estou propenso a incluí-los. Sinto, por outro lado, que talvez esta ascendência psicológica possa vir a tornar-se perniciososa e de algum modo precisa parar. Percebo ainda mais, vocês o temem. Por quê?

Virna, agora visivelmente perturbada, levantou-se num gesto de impaciência. Eliéser, com o semblante carregado, foi quem respondeu:

- Ian, está com a razão. Tem tudo a ver com Tito, mas eu lhe peço que não insista neste ponto. Não mexa com coisas que não conhece. Aceite tudo como está, e acredite-me...

- Não! - Interrompeu Ian rispivamente. - Não está nada normal e desista de me dar conselhos, vocês é que não sabem o que está acontecendo.

- Por favor, Ian - foi a vez de Virna, - Não podemos... Fizemos um trato com Tito.

- Que trato? Que trato é este? Afinal, quem são vocês? Dois coelhos, assustados por um desequilibrado mental? - Sua voz subiu e mudou de tom, da cordialidade à indignação. Percebeu que os dois não falariam. "Ademais", pensou, "Nada que me venham a contar será novidade"; não havia o que fazer ali. Ao sair voltou-se para os amigos:

- Não acreditem que Tito cumprirá qualquer trato.

Alguns dias se passaram, Ian ainda não terminara a resposta ao Professor Rolof e este assunto parecia escorregar para um desvão da memória, como aliás costuma ocorrer com tudo aquilo que se acomoda na discrição do tempo. Mas tal não foi o caso, pois havia um recado de Virna para Ian, deixado num envelope debaixo da porta da casa dele, dando o dia e a hora que viria encontrá-lo, ali mesmo: "Para uma conversa muito séria", estava escrito. Imediatamente passou-lhe pela cabeça voltar a responder ao Professor Rolof. Não restou dúvidas em Ian que mais problemas adviriam. A oração do Rabi Judah ecoou em seus pensamentos, o que de certo modo pareceu cômico, como agarrar-se a um talismã, num comportamento quase obsessivo. O que viria dizer-lhe aquela mulher? O semblante de Virna Caspick pairou em sua mente, levando-o a considerar que apesar de tudo, Virna ainda lhe fascinava. Deixou-se levar pela divagação, recostou-se na cadeira e entregou-se à fantasia. Sentiu-se leve e torporoso enquanto as imagens de Virna assumiam totalmente seus sentidos. As sensações tornaram-se cada vez mais vívidas e perturbadoras, Ian sentia prazer em deixar-se envolver. Adormeceu. Nos sonhos que teve a seguir Virna Caspick o envolvia em carícias cada vez mais excitantes de modo que acordou subitamente em meio a tal sonho, com a respiração ainda ofegante.

"Não era assim que eu me sentia antes de cochilar" , pensou;

Isto jamais lhe acontecera , e o deixou de tal forma encabulado que correu para arrumar-se temendo, insensatamente, que alguém pudesse surpreende-lo naquele momento.

Recomposto, pôs-se a pensar e decidiu imediatamente terminar de responder ao Professor Rolof, pedindo-lhe que viesse e relatando alguns episódios recentes, como o interesse de Tito e outras coisas. Procurava não ser muito intimista mas sem perder os detalhes que julgou importantes. Terminou a carta, envelopou-a e guardou-a em sua pasta de trabalho.

- Virna deve chegar a qualquer momento. - Ian repetia em voz baixa enquanto ultimava a arrumação do apartamento. Durante os dias precedentes pouco falara com outras pessoas e praticamente não saíra de casa, tanto que ainda não postara a resposta ao Dr. Rolof Eyer. Passara boa parte dos dias vagando pelo interior da casa, a imagem de Virna permanentemente em sua mente, e à noite os sonhos...

- Ah! os sonhos maravilhosos. - sussurrava.

Racionalmente não se julgava apaixonado por Virna, mas se deixava levar pela própria fantasia, e usufruía deste prazer cada vez maior. Em alguns momentos perguntava a si mesmo se não extrapolara algum limite do razoável, mas sempre lhe parecia que não, e voltava àquela nuvem que o envolvia. A campainha tocou. Era Virna. Ian atendeu e ficou arrebatado pela beleza daquela mulher, muito mais sensual que seus mais tórridos sonhos. Virna entrou, abraçou-o, beijou-lhe as faces e antes que Ian pudesse fazer qualquer gesto, tomou-o pelas mãos puxando-o para o centro da sala, olhou-o de frente e falou-lhe de um modo tal que Ian sentiu-se afogado:

- Ian, meu querido, não quero que nada prejudique nossa amizade - fez uma pausa, suspirando - Você ficou magoado comigo, e com razão. Por isso vim aqui, esclarecer tudo.

A conversa continuou, já os dois sentados no sofá, com Virna segurando as mãos de Ian enquanto falava. Este pouca atenção dava às explicações da amiga, pois os sons pareciam vir de longe. Ela, aos poucos, foi-se pondo à vontade, e rindo acercou-se ainda mais de Ian. Os assuntos se sucediam sem que ele pudesse sequer lembrar do que havia dito pouco antes. A proximidade de Virna excitava-o de tal modo que ela percebendo, comentou:

- Ian, você me deseja muito não é?

Era positivamente um convite, já que nem a um cego escaparia perceber a concupiscência de Ian, que aliás nem chegou a responder a pergunta já que Virna, num movimento rápido beijou-o docemente.

Os atos em seqüência foram rápidos e silenciosos, com os corpos se entrelaçando, as roupas se volatilizando e, Ian, à visão do corpo nu de Virna, com a certeza de jamais ter visto mulher mais bela. Num jogo de corpo Virna deixou Ian de dorso e, com imensa habilidade, cavalgou-o, fazendo-o penetrá-la profunda e suavemente. Os olhos de Virna brilhavam para Ian enquanto ela ondulava os quadris em todas as direções, apertando-o dentro de si, dando-lhe um indizível prazer. Então, ela sussurrou-lhe ao ouvido, um pedido ao qual Ian sequer pensara em não atender. Todo seu corpo retesara-se e de seus lábios saíram as inconfundíveis interjeições de prazer. Quanto durou? Segundos? Minutos? Parecia tanto tempo! Ian preparou-se para sentir o natural

relaxamento subsequente, mas para sua surpresa aquilo não ocorreu. Virna continuava sobre ele, ainda mexendo-se intensamente. Sorrindo, ela beijou Ian com sofreguidão, e repetiu-lhe o pedido agora já quase uma ordem.

Desta forma, sucederam-se outros e outros, enquanto não cessou a volúpia, tanto de Virna quanto de Ian. "Não é apenas o gozo em si", pensava Ian pouco antes de adormecer, "mas o arrebatamento que nos arranca a alma".

Acordou, Virna não estava ao seu lado. Levantou-se, olhou as horas, afinal não passara tanto tempo assim, e procurou pela mulher. Ela estava sentada à sala, linda como sempre, arrumada tal qual chegara.

- Sente-se ao meu lado. - disse-lhe Virna, e continuou dando instruções, às quais ele mentalmente assimilava.

- Agora vá, eu lhe espero. - Finalizou.

Ian mal se arrumara, e como chovia, colocou por cima da roupa uma capa antiga, pegou seu guarda chuva, sua pasta de trabalho e saiu. Saiu tonto e desorientado, pois durante muitos minutos vagou pela rua sem atinar aonde estava indo. Percebeu que não abrira o guarda-chuva e, conseqüentemente estava ensopado, já que sua capa pouco o protegia daquele aguaceiro. Apertou a pasta contra o corpo com as duas mãos e entrou no banco. Não tinha idéia das horas, seu pensamento vagava, confusamente, entre as lembranças recentes e a realidade que o cercava. Percebeu que alguém lhe falava. Não reconheceu de pronto o gerente do banco, e isto deixou-o ainda mais confuso visto que tratava-se de um velho conhecido:

- Ian, você está todo molhado. Está se sentindo bem?

Assim que recuperou um pouco o fôlego respondeu:

- Corri por causa da chuva.

Tentou sorrir mas apenas conseguiu um esgar, e completou sem dar tempo para que o funcionário lhe fizesse outras perguntas:

- Quero abrir o meu cofre, rápido; tenho pressa!

Não era esta a forma habitual que Ian transacionava com o banco. Costumava ser bastante cortês e, mesmo quando não tinha tempo, sempre cumprimentava a todos. Por ser um cliente antigo e de bom crédito era atendido com alguma deferência a mais, o que exatamente tentavam fazer naquele momento, mas agora isto exasperava Ian, que não escondeu o fato. O

gerente percebeu que algo diferente ocorria e, ainda não ofendido mas surpreso, procurou ser formal e amistoso:

- Claro, Ian, imediatamente.

Em seqüência ordenou a um funcionário que providenciasse o serviço. Enquanto se dirigiam para o cofre do banco, o gerente sondou Ian dos motivos para tanta pressa. Ele sabia que Ian possuía consideráveis bens ali guardados e um sexto sentido o alertava para ser cauteloso:

- Talvez você queira uma segurança especial, isto é, caso vá retirar algum valor maior.

Ian não respondeu, seus pensamentos estavam alhures, envolvidos num turbilhão incontrolável de ansiedade. Subitamente, ao atravessarem o salão do banco, Ian viu refletido numa porta de vidro a imagem de seu irmão Tito, do lado de fora do banco.

Seu corpo estremeceu, a respiração acelerou-se e sentiu, como uma pancada na testa, algo que o acordou do torpor em que estava. Continuou seguindo o gerente até ao cofre quando, já lá dentro, longe das vistas de Tito falou ao gerente:

- Eu não quero tirar nada do cofre.

E antes que seu interlocutor pedisse explicações continuou:

- Por favor, arranje-me um maço de papéis grosso assim - e mostrou com os dedos - coloque-os em um envelope bem forte enrolado em fita adesiva de maneira a torná-lo difícil de abrir.

Sorriu para o funcionário do modo mais normal que podia, naquelas circunstâncias, e completou:

- Juro que lhe explico depois tudo isto. Não se preocupe comigo apenas faça-me este favor.

O gerente aquiesceu com a cabeça e ele mesmo partiu para executar o pedido, pois na verdade não estava querendo ficar ali com mais um cliente nervoso.

Ian, saiu do banco, protegendo sob a capa o volumoso envelope. Ainda chovia muito mas ainda assim não abriu o guarda chuva. Sentia a água escorrer por dentro de sua roupa e seus pés chapinharem nos sapatos. Correu até uma agência de correio e despachou um telegrama para o Professor Rolof Eyer: "Venham imediatamente".

Tomou o rumo de casa. A chuva aumentou fazendo com que os transeuntes se abrigassem sob as marquises, deixando as calçadas praticamente vazias. À desabalada carreira de Ian seguia-o Tito. Embora com muitos metros de distância entre eles era evidente, para os que assistiam-nos passar, que se perseguiam. As duas figuras, em veloz deambular pelas calçadas

desertas, ficaram patéticas, batidas pelo aguaceiro que mal notavam. Ian aproximou-se de casa e começou a sentir aquela pretérita angústia assomar-se de seu espírito. Desacelerou os passos e, enquanto a imagem de Virna vinha-lhe à mente, seu corpo aquecia-se com o desejo que aqueles pensamentos ensejavam. Outra vez aquela obnubilação que fragmentava sua alma. Buscando amparar-se numa disciplina mental que não possuía foi percebendo sua racionalidade afundar-se num lago de instintos voluptuosos. Num último instante recordou-se da reza que o Rabi Recani recomendara. Iniciou-a num murmúrio já dentro do elevador, após passar pelo porteiro do edifício como um azougue, o que fez com que este, à vista de tal cena, lembrasse do relato que a empregada lhe fizera sobre os últimos acontecimentos na casa daquele morador.

A porta do elevador abriu-se e a de sua casa já estava aberta. Virna de pé, junto à soleira, ostentava uma indefinível expressão de espanto. Ian praticamente atirou-se porta adentro, indo parar no meio da sala. Ficou ali, agarrado com o envelope e sua pasta, ora voltando-se para um lado ora para outro, já agora praticamente gritando a oração do Rabi. A sua volta formou-se rapidamente uma formidável poça d'água. Sua mente voltava ao normal e percebeu que Virna parecia amedrontada. Este medo transformou-se em quase pânico quando começou a gritar de modo ameaçador e grotesco, "deselegante, também ", lembrou Ian, sentindo esmaecer aquela labareda que há pouco lhe toldava os sentidos.

- Dê-me os papéis, idiota! - vociferou Virna, além de muitas outras interjeições.

Ian segurava o envelope fortemente enquanto Virna buscava tirá-lo de sua mãos. Resistiu a este assalto procurando, de um certo modo, ver até onde Virna iria para obter a posse dos papéis. Não precisou esperar muito antes de começar a ser agredido fisicamente pela mulher que, havia pouco, lhe proporcionara os sentimentos mais prazerosos que jamais tivera. Largou o pacote, de súbito, o que provocou a queda dela. Ele não fez a menor menção de ajudá-la a levantar-se. De um momento a outro sentia-se distante de qualquer sentimento para com Virna. Via-a por-se de pé, desajeitadamente e sentiu até um certo desprezo pela figura que fazia. Aproximou-se poucos passos para dar-se conta que realmente ela estava assustadíssima, pois percebendo a aproximação de Ian, gritou amedrontada e despencou-se pelo corredor descendo as escadas e desprezando o elevador à sua frente.

Virna passou correndo pelo saguão da recepção do prédio, sem os sapatos, aos prantos, e precipitou-se à rua em plena chuva torrencial, chocando-se com Tito. O porteiro, que os conhecia, não teve dúvida que algo fora do comum acontecia naquele apartamento...

Ian, ainda atônito, passado um instante, voltou-se para a empregada, também atônita, a qual ele percebera de soslaio, postada à porta da cozinha que atendia a sala e, num esforço para mostrar-se calmo, comentou:

- Ela só estava um pouco nervosa...

Fechou a porta da casa enquanto, pelo olhar da empregada, deu-se conta do aspecto que tinha, e da inutilidade das explicações que dera. Voltou-se ainda uma vez para Dona Margarida, a empregada, e pediu-lhe que preparasse um café reforçado.

Virna e Tito entraram no carro ofegantes e inteiramente molhados. Tito, num gesto brusco, arrancou o envelope das mãos dela e colocou-o nos próprios joelhos. Virna não esboçou reação, seu olhar, visivelmente angustiado, corria de um lado a outro sem fixar-se em ponto algum. O veículo corria muito para um dia daqueles, derrapando em poças enormes e levantando uma cortina d'água. Ouvia-se apenas o motor do carro, o martelar da chuva e o resfolegar deles dois. Virna pôs-se a tremer e sentiu-se nauseada; pediu a Tito que diminuísse a marcha. Ele continuou a correr, até que, numa curva, o carro saindo de lado, bateu no meio fio, parando em seguida. Virna gritou, seu enjôo atingira um ponto intolerável e, aproveitando a parada do carro, abriu a porta, jogando-se para fora. Deu poucos passos até cair de joelhos e sentir suas entranhas quererem sair pela boca. Alguns raros transeuntes aproximaram-se, mesmo debaixo daquela chuva torrencial, procurando ajudá-la, possivelmente relacionando a batida com a cena que presenciavam. Tito, praguejava dentro do carro até que finalmente fez a máquina voltar a funcionar e, totalmente alheio ao paradeiro de Virna, arrancou daquele local. Os passantes que auxiliavam aquela mulher, caída na rua e vomitando, voltaram seus olhos para o carro que disparava, todo amassado de um lado, as rodas tortas e abandonando sua infeliz passageira. Ouviu-se alguém ordenar que se chamasse a polícia, os bombeiros, uma ambulância... Virna sentiu as vozes se distanciarem, o mundo apagar e desmaiou.

A entrada de Tito na garagem de seu prédio foi pior do que a batida que dera. Sem o menor controle emocional não conseguiu coordenar as pernas e, esquecendo o freio, bateu de frente na parede. Desceu do veículo e sem ao menos se dirigir ao zelador, que acudira com o barulho. Tomou o rumo da escada, subindo os degraus aos pulos até o pavimento de sua casa. Suas mãos tremiam tanto que mal conseguiu abrir a porta, e assim que o fez, entrou, trancou de novo, despiu-se da roupa molhada, apanhou uma toalha, secou bem o envelope e com o máximo cuidado que seu estado mental permitia abriu o pacote.

A empregada de Tito, atraída pelo rumor da chegada do patrão foi ao seu encontro, após algum tempo, movida pelo hábito de perguntar-lhe se desejava alguma coisa e, apesar de saber que naquela casa ocorriam algumas excentricidades, não pode deixar de espantar-se ao ver Tito nu, rasgando papel e gritando de raiva. Correu para a porta da casa, tanto por vontade de sair quanto pelo fato de que a campainha tocara. Ao abri-la deu com o zelador começando a falar:

- O "seu" Tito deixou o carro...

Interrompeu a alocação para presenciar a fúria do morador.

- V -

Dezembro fora-se, juntamente com as festas de fim de ano, em grande melancolia para os Yadetz. Não houve o tradicional encontro familiar de ano novo. Ian fez uma visita rápida à mãe e à irmã e evitou abordar qualquer assunto que lembrasse os episódios recentes. As relações familiares haviam se deteriorado em demasia. Ian sentia-se de certo modo responsável por tudo aquilo, já que fora ele quem abrira o maldito baú e redescobrira tão famigerado manuscrito. Entretanto, não lhe era possível voltar atrás e ademais, o Professor Rolof e o Rabino Judah Recani chegariam nas próximas semanas . O que realmente lhe preocupava era a gravidez de Maria, decorrendo em meio a tantas atribulações, e o destino de Virna, talvez a maior prejudicada até ali. A família de Virna Caspick colocou-a sob severo tratamento médico, com psiquiatras, disseram-no, e não queriam nenhum tipo de aproximação com os Yadetz, principalmente os dois irmãos. Ian sentia, mas procurava afastar da mente esta certeza, pois feria seu bom senso, já tão abalado, que a melhoria do estado de Virna estava escondida no manuscrito, fosse o que fosse. "Eliéser" pensou, "onde estará?". Tito não aparecera mais nem na casa da mãe. Isto atormentava Ian pois tinha plena consciência do que o irmão seria capaz de fazer para obter o manuscrito, ou vingar-se, quem saberia? O medo rondava os dias e noites de Ian. Procurou expor-se o mínimo possível, raramente saindo de casa e sempre em horas movimentadas. Recomendara ao porteiro redobrada vigilância principalmente no caso do irmão. Tirara férias acumuladas pelos próximos dois meses. Toda sua esperança de resolver estas questões estava depositada naqueles dois personagens desconhecidos, prestes a chegarem. Aumentara o salário de D. Margarida e lhe repassara as instruções que recebera do Professor e seu ajudante. Tratava-se de uma complicada rotina de hábitos alimentares e de outros tipos, principalmente do Rabi Judah Recani; "Pelo visto", pensou Ian, "Um fundamentalista", e suspirou, como se lhe tornara hábito nos últimos tempos.

Ian acordou muito cedo. D. Margarida já havia preparado seu desjejum e o aroma do café despertou-o definitivamente. Dali a algumas horas chegariam seus convidados tão ansiosamente aguardados: O Professor Rolof Eyer e o Rabi Judah Recani, e ele os recepcionaria no aeroporto. Sentado à mesa do café Ian lembrou-se de todos os episódios passados até aquela data e seu devaneio fixou-se em Virna Caspick. "Como estaria ela naquele momento? Será que aquela volúpia teria sido mesmo fruto de tanto sortilégio? Ou uma neurose? Talvez Virna tivesse sentido por ele ao menos uma fração do que ele sentira por ela". Resignava-se com o que desfrutara. As voltas do destino eram por demais intrincadas para a disposição de Ian em tentar uma explicação lógica dos fatos. Deixava-se levar como um veleiro à deriva, sem resistir à força que o impulsionava, sem saber o seu destino.

Interrompeu suas lembranças, olhou o relógio para certificar-se que não se atrasara, repassou as últimas recomendações à empregada e saiu para apanhar os viajantes.

O aeroporto estava relativamente vazio e Ian chegara cedo. Verificou que o voo estava no horário o que lhe daria tempo para ler o jornal. De pé mesmo, defronte a porta de saída dos passageiros perpassava os olhos pelas manchetes do jornal, conferindo vez por outra o painel de avisos. O alto falante do aeroporto anunciou a chegada do voo e Ian aproximou-se da porta de saída da alfândega, por onde deveriam surgir os dois visitantes. Retirou do bolso uma cartolina do tamanho de uma folha de caderno onde escrevera os nomes deles, já que não se conheciam pessoalmente. Passado algum tempo os passageiros começaram a sair e, no abre-fechar da porta automática, Ian tentava adivinhar quem seriam seus convidados. Todos os passageiros já haviam saído e a esteira de bagagens não rodava mais. Nem sinal dos dois. "Teriam perdido o avião?" pensou, "Teria me enganado de voo?". Começou a planejar uma estratégia para descobrir o que ocorrera quando ouviu seu nome no sistema de aviso do aeroporto, "... favor dirigir-se..." ; Ian praticamente correu para o lugar indicado, a polícia aduaneira, identificou-se e foi encaminhado para uma sala. Ao entrar no recinto deparou-se com três pessoas. Um senhor de uns setenta anos com a cara muito rosada, de pé, com talvez uns dois metros de altura e sorrindo, "Professor Rolof Eyer" pensou Ian e dirigiu o olhar para quem com quase toda certeza era o Rabi Judah Recani, sentado, branco como vela todo vestido de preto, chapéu, cachinhos nos cabelos e na barba, sisudo; "Como eu imaginava", conjecturou mentalmente Ian, e olhou para o outro com um ar inquisitivo, e que só poderia ser da polícia:

- Sr. Ian, o senhor conhece estes cavalheiros? perguntou o policial.

Ian ficou desconcertado visto que, de fato, nunca vira tais pessoas; hesitou um breve instante e respondeu:

- Com certeza. São o Professor Rolof Eyer e o Rabi Judah Recani.

A seguir, teve de contar o motivo da vinda deles, omitindo, por prudência, os detalhes relacionados às suas últimas vivências. Soube pelos agentes que houvera uma denúncia anônima a respeito daqueles dois estrangeiros, algo um tanto indefinido que Ian não se preocupara em entender. Imediatamente lembrou-se de Tito. "Mas como teria ele sabido da vinda, das datas, dos nomes de tudo mais?". Desistiu igualmente de conjecturar sobre isto, precisava tirar aqueles dois dali. Não precisou esperar muito, o próprio agente lhe comunicou:

- Não temos motivos para retê-los aqui, contudo caso queiram sair da cidade peço-lhes que me comuniquem.

O caminho do aeroporto até em casa passou-se com pouca conversa. Ian procurou um caminho mais longo porém menos congestionado de tráfego e mais bonito, mostrando e explicando o que podia das belezas da cidade. Ao chegarem cumpriu-se o ritual de todo recém-chegado: abrir malas, arrumar as coisas, verificar os aposentos e descansar. D. Margarida foi impecável como anfitriã, mesmo não entendendo uma palavra do que se dizia. "Efeito do aumento", pensou Ian. Mas não deixou de escapar alguns comentários acerbos sobre os hábitos dos hóspedes, principalmente do Rabi. Quando os convidados refizeram-se da viagem já era noite e após uma refeição frugal, na qual o Rabi recusou boa parte dos alimentos e reiterou algumas de suas recomendações, deixando D. Margarida amuada, e Ian preocupado em ter de vir a dar outro aumento, puseram-se a conversar sobre o que era efetivamente o motivo daquela reunião. Ian mostrou o manuscrito, que durante o descanso dos hóspedes trouxera do banco. Puseram-no em cima da mesa e o Professor juntamente com o Rabi começaram a escrutiná-lo. Reinava um silêncio quase reverencial somente interrompido por expressões de espanto ou júbilo do Professor Eyer. Judah Recani não era tão expansivo e seu interesse apenas despontava quando, dirigindo-se para o Professor Rolof mostrava algum detalhe nos manuscritos. Não faziam uma leitura aprofundada já que pulavam páginas e por vezes voltavam. O Rabi Judah Recani abriu uma valise preta, semelhante as que usam os médicos, e de tempos em tempos retirava algum equipamento lá de dentro: lentes de aumento, lanternas de diferentes potências e cores, vidrinhos com soluções, espátulas e finalmente um microscópio. Ao lado o Professor Rolof Eyer anotava tudo num bloco. Ian pensara a princípio que aquela sessão seria rápida, mas já decorridas algumas horas, percebeu que eles mal haviam começado o trabalho. Decidiu preparar a logística do que lhe parecia ser uma longa jornada. A empregada já se recolhera

ao próprio quarto mas deixara pronto alguns sanduíches e outros acepipes conforme recomendara o patrão. Ian ajeitou-os em uma bandeja e levou-os para a sala arrumando-os em uma mesinha auxiliar. Observou com crescente curiosidade que os dois pesquisadores não interrompiam o trabalho enquanto devoravam os petiscos. Serviam-se revezadamente e pouco falavam, fazendo-o quase aos murmúrios, ainda que o Professor Rolof se rejubilasse vez ou outra. Ian ponderava mentalmente com uma ponta de sarcasmo: "Este deve ser mesmo um texto assombroso".

A madrugada já ia avançada. Ian adormecera no sofá e quando acordou os dois estudiosos mantinham-se na mesma rotina. Levantou-se, guarneceu a bandeja de comidas e voltou ao seu leito improvisado despreocupando-se com o trabalho obsessivo daqueles peculiares indivíduos ali presentes. Pela manhã foi acordado por D. Margarida. Sobressaltou-se pensando a princípio que os sábios haviam descoberto algo que merecia o seu conhecimento, mas logo notou a mesa vazia e a ausência dos dois; "Portanto, foram dormir sem me acordarem" concluiu mentalmente. Deu algumas instruções à empregada e foi para seu próprio quarto:

- Quando os dois levantarem acorde-me.

Os dias passavam seguindo esta mesma rotina, exceto que agora Ian não se preocupava em dormir no sofá e a guarnição de alimentos e bebidas apropriadas aumentara consideravelmente. Dia e noite para aqueles dois não tinha o menor significado, eles pareciam seguir um ritmo orgânico próprio e deveras extenuante apesar de não darem sinais de cansaço. Os dois vestiam-se dentro de casa como se estivessem indo para o trabalho, com paletós e gravatas, no caso do Professor Rolof e a mesma indumentária preta para o Rabi Recani, inclusive um sobretudo que cuidadosamente pendurava no espaldar de uma cadeira. D. Margarida esforçava-se para atender na infra-estrutura mas às vezes Ian era obrigado a um convencimento extra, diplomático, diante das excentricidades do Rabino:

- Entenda D. Margarida, ele é uma espécie de padre, com muitas obrigações religiosas, um homem de muita fé e concentração. Por isso é assim tão diferente.

Ian procurava desta forma minimizar a estranheza da senhora com as práticas do Rabi, principalmente nos itens alimentação e orações. D. Margarida assustou-se em ver aquele homem franzino rezando várias vezes ao dia, naqueles trajes incomuns para ela, numa língua estranha e perambulando de um lado a outro da sala enquanto todos deviam guardar o maior silêncio e pior, ela não podia estar presente de forma alguma, sequer passar por perto. Vira-se com frequência retida em um cômodo que começara a arrumar esperando que o tal "padre" terminasse suas orações:

- "Seu" Ian, retrucou ela, nunca vi nenhum padre deste tipo. Ele não é católico, estou certa? E eu respeito a fé, o senhor sabe, mas não gosto de ser posta pra fora por causa da rezinha dele. Que religião é esta que se reza escondido? Acho que vou perguntar ao padre da paróquia se isto não é errado.

Ian desenvolveu naqueles dias uma enorme capacidade de persuasão religiosa, mas sabia que a empregada no fundo reclamava da sobrecarga de trabalho a que estava temporariamente submetida, principalmente devido aos horários desregrados:

- E tem mais, ela continuou, seu irmão me pegou na rua inda outro dia e falou um montão de coisas muito esquisitas...

Ian ficou realmente preocupado e com a maior cautela inquiriu D. Margarida sobre o assunto, ao que ela respondeu:

- O senhor sabe que eu gosto muito do senhor e de trabalhar aqui, mas as vezes, até meu marido fala, "O Margarida, 'cê num deixa te enrolar com promessa", porque eu acredito em tudo, o senhor sabe, né? E aí o "seu" Tito, que eu também aprecio, mas menos, porque ele é muito nervoso, quero dizer que eu prefiro o senhor Ian, é claro... Ah! sim, o senhor quer saber o que o "seu" Tito falou, bem, ele falou, mas eu não aceitei, vou logo lhe dizendo, porque eu sou uma mulher de respeito e honesta e meus filhos, aliás todo mundo sabe disso e se orgulha muito... Sim, "seu" Ian, eu digo, ele queria me dar um dinheiro... É, um dinheiro, e aí eu pensei que fosse algum trabalho na casa dele, que aliás eu recusaria, mas... Ué, como o senhor sabia disso? Olha "seu" Ian eu fiquei brava com ele porque nunca na minha vida...

Ian deixou-a falar e justificar-se pelo fato de Tito ter-lhe proposto que roubasse o manuscrito. Reassegurou sua confiança inabalável, mas, por via das dúvidas, disse-lhe que os dois estrangeiros, apesar de tudo, estavam muito satisfeitos com ela, tanto que lhe pediram para presenteá-la com uma modesta quantia... Mas, qualquer fato referente a Tito ele deveria ser imediatamente informado... Não, não há nenhum perigo, Tito jamais lhe faria mal, apenas estava com ciúmes por causa de Virna... Claro, D. Margarida, darei seu obrigado a eles...

Ian imediatamente interrompeu o trabalho dos dois investigadores e relatou-lhes o ocorrido. O Professor Rolof e o Rabi Recani tornaram-se pensativos e silenciosos por um longo período. Confabularam e finalmente o Professor falou, como de hábito era sempre ele que falava:

- Achamos que isto é da maior gravidade. Embora não tenhamos encontrado seu irmão, temos certeza que ele é um "TZADICK". É, disso não temos dúvida - asseverou olhando para o Rabi Judah Recani, que aquiesceu com um meneio da cabeça. - E cremos que, neste estado, ele

fará de tudo para se apossar do manuscrito. Este códice - apontou para o documento em cima da mesa - representa o domínio completo desta cabala. Sem ele elimina-se quase todas as possibilidades de bloqueá-la pois, quanto tempo levaria até que alguém redescobrisse o ritual de purificação? Talvez séculos, talvez nunca! E quem, em sã consciência, ainda mais um "TZADICK" abdicaria de tais poderes - e riu com sarcasmo - nunca! Ele tentará nos tirar o manuscrito, mas nós estaremos preparados, espero - acrescentou com uma ponta de ironia. - Aliás, meu bom Ian - continuou de forma mais entusiasmada - sabemos que sua irmã está para dar a luz e acreditamos que nosso "TZADICK" está se preparando para escolher seu sucessor, o filho de Maria e caso viermos a aplicar a cabala corretiva, anularemos o efeito da consagração. Ora, estamos diante de uma rara oportunidade de eliminarmos definitivamente este, por assim dizer "desvio".

O Rabi parecia animar-se com a conversação, tanto que diversamente do usual acrescentou às palavras do Professor Eyer:

- Não há a menor dúvida. - fez uma pausa - Precisamos agir com energia e determinação. Vamos liquidar este "TZADICK".- os olhos brilhavam agora. - É uma oportunidade única, inigualável; é um desígnio. Creio que em pouco tempo estaremos prontos. Até lá não podemos perder um minuto sequer.

Dito isto, o Professor Rolof deu um tapinha nas costas de Ian, sorriu e voltou para as lides decifratórias.

Mais dias se seguiram, Ian atendia aos dois com a maior presteza. Deram-lhe uma lista de coisas para comprar. Papéis, tintas, reagentes químicos, panos, agulhas e linhas de bordar, incensos, velas e até pequenos sinos que foram os mais difíceis para encontrar. Pediram que providenciasse a feitura de uma roupa conforme o modelo desenhado e com os bordados designados. Através de D. Margarida contratou uma costureira que prontamente concluiu o serviço. Na presente etapa os dois cientistas procediam a passagem das folhas dos manuscritos em soluções químicas que revelavam novos textos, diagramas e desenhos, os quais eram anotados traduzidos e desenhados em grandes painéis de papel presos às paredes da sala. O ambiente da casa de Ian ia se modificando, tornando-se progressivamente misterioso e de certo modo assustador. Algumas peças do mobiliário foram retiradas para dar espaço aos diagramas espalhados pelo chão e sobre eles o Rabi Recani procedia a ensaios dos rituais recém coletados. Isto parece ter sido demais para D. Margarida pois ela não voltara ao trabalho após um fim de semana. Ian teve de providenciar às pressas o serviço, muito dispendioso, de uma agência de empregados domésticos. Para a alimentação conseguiu o auxílio de uma loja especializada em comidas religiosas, ainda mais cara.

Os dois novos moradores da casa de Ian pareciam não dar a menor conta destes acontecimentos, talvez imbuídos da idéia de que faziam a coisa mais importante do mundo e pareciam convictos de que Ian assim também pensava. A tarefa dele portanto era resolver estas miudezas.

Ian deu-se conta que praticamente perdera a noção do tempo, de tal modo se envolvera com a história. Há quase um mês seus hóspedes tinham chegado e ele raramente contactara o mundo exterior. Não lia os jornais a tanto tempo que sentiu curiosidade em saber das coisas mais triviais, como o resultados dos jogos, o noticiário político e muitas outras coisas. Havia ainda o desaparecimento de D. Margarida que não dera a menor satisfação de seus atos. "Isto não é próprio dela" pensou, e decidiu procurá-la no dia seguinte.

Ian cumpriu seu ritual diário, recebendo de seus hóspedes nova lista de coisas para providenciar; confirmou os serviços que contratara, não sem antes se estarrecer com os preços cobrados. " Se isto não acabar logo, estarei falido em pouco tempo ", pensou enquanto fazia as contas. Ligou para a mãe e teve de despender um bom tempo dissuadindo-a a ir a sua casa para conhecer os dois misteriosos personagens que ele abrigara. Prometeu que mais tarde a visitaria e contaria tudo:

- Sim, sem dúvida, quem sabe? - respondeu à mãe referindo-se à possibilidade do Professor Rolof e o Rabi Recani aceitarem um convite para jantar na casa de Sara Yadetz. Não havia notícias de Tito, nem de Eliéser. Virna, soube por amigos comuns, estava mergulhada em profunda depressão, um caso que preocupava os médicos, e a ele também. Despediu-se com um sentimento sombrio. De alguma forma precisava falar com Virna, mas como?

Antes que se pusesse a conjecturar um plano para ver a amiga, que certamente lhe traria mais aborrecimentos, dirigiu-se à casa de D. Margarida. Não esperava que ela estivesse contente, afinal, sumira sem dar explicações, mas também não esperava tanta hostilidade. Nem mesmo conseguira falar com a ex-empregada que, aos gritos, do interior da casa esconjurava-o:

- É o capeta!

Os filhos e o marido, cercando perigosamente a Ian, mandaram-no ir-se dali imediatamente, ao que prontamente Ian atendeu, portanto sem descobrir o motivo de tanta raiva. "Alguma de Tito, não há dúvida", pensou, mais curioso do que irritado. Perdera a empregada, a mulher que gostava estava no manicômio, o irmão obsedado, e tinha dois tipos dos mais excêntricos que conhecera plantados em sua casa, que se transformava aos poucos em sabe-se lá o

quê. Parou num telefone público, ligou para alguns amigos, avisou aos seus hóspedes e resolveu sumir por uns dias.

Virna Caspick sentia uma amargura indescritível em palavras. Por isto não falava com seus interlocutores. Uma lassidão tomava-lhe os sentidos, não ouvia sequer os sons a sua volta, nada a interessava. Sua mente estava ocupada em remoer seus sentimentos de abandono e desejo. Tito não lhe saía da cabeça; o rancor de ter sido abandonada por alguém a quem deu sua própria alma e que não retribuía com um mínimo o prazer que prometera. Virna não controlava estes sentimentos físicos, seu desejo por Tito tinha contornos atormentados. "Seria isto o inferno? Porque tal sofrimento?" perguntava-se seguidamente, para em seguida concluir que provavelmente merecera este destino. Num hediondo ciclo vicioso a melancolia se lhe abatia novamente.

- Não percebo melhora significativa em seu estado mental, apesar dos medicamentos. - Asseverou o médico aos pais de Virna. - Por este motivo, e por uma avaliação mais criteriosa que tenho feito suspendi toda a medicação e iniciamos uma terapia mais, digamos, psicológica. Com certeza não é uma manifestação orgânica o quadro de vossa filha. Será preciso paciência para que ela retome o autocontrole...

A conversa seguiu com muitas explicações técnicas mas... :

- Chato! - resumiu o pai de Virna enquanto relatava aos familiares mais próximos o resultado da visita - Eles não sabem o que ela tem e ficam inventando!

Houve um momento de silêncio no ambiente até que o pai, numa explosão emotiva, ainda assim tentando controlar-se exclamou:

- Malditos Yadetz! Bruxos infernais! Porque com a minha Virna? Não basta o que fizeram com a filha do velho Egoz, Sara Yadetz.

Aquilo soou na sala de uma forma tão surpreendente que não houve outra maneira do pai de Virna explicar-se senão contar o que sabia. Sua mulher ouviu tudo muito consternada, pois apesar de já conhecer a opinião do marido há muito tempo, discordava totalmente daquelas superstições, e por isso falou, ao final:

- Estamos todos muito nervosos com o estado de Virna e eu não vejo a utilidade de ficarmos blasfemando contra pessoas que apesar de tudo fazem parte da nossa vida. Sei que Sara Yadetz está muito triste com todas estas coisas que têm sido ditas e ademais tenho certeza de seu amor por Virna. Hoje mesmo lhe telefonarei e a visitarei. Não posso admitir que se perca uma amizade por causa de crendices.

Houve protestos e apoios mas ao fim quase todos concordaram que as atitudes de Tito e Ian não justificavam o tratamento severo que se estava dando a Sara. O patriarca dos Caspick calou-se, mas no íntimo estava convicto de que aqueles Yadetz eram todos uma verdadeira peste.

Eliéser por não ter para onde ir, depois da internação de Virna, vagara por alguns hotéis baratos, sentindo-se quase tão miserável quanto a amiga. Não tivera coragem de falar com os pais dela, nem com Tito, por quem nutria um profundo ódio agora, misturado com o mais puro terror. Seus tormentos não cessaram e a vida parecia-lhe tão infame que decidira-se pelo suicídio. Pôs-se a arquitetar a forma pela qual deixaria a vida, mas tão logo pensava sobre o assunto uma imensa autopiedade tomava-lhe o espírito, e invariavelmente rompia em prantos. Um dia após o outro aquilo lhe sucedia, de tal modo que passou, intimamente a sentir prazer nesta mortificação. Percebeu que os devaneios de volúpia, tendo Maria como tema, ocupavam sua atividade mental quase permanentemente, sempre antes de decidir-se, outra vez mais, a buscar a morte e mais outra vez a desistir. Aquilo fora longe demais. Reunindo forças procurou alguém de suas antigas ligações que lhe poderia trazer a paz de espírito novamente.

Eliéser, acompanhado pelo amigo que atendera seu apelo aguardou em silêncio e acabrunhado a sua vez de se consultar com o espiritualista. O "consultório" estava cheio de gente, pois dali a pouco começaria a sessão. Aquela era uma entrevista preparatória para saber se o seu caso seria levado para a "roda". Postou-se a frente do espiritualista lhe fora indicado, e esse imediatamente começou a fazer gestos rituais murmurando coisas ininteligíveis. Já haviam iniciado os trabalhos na "roda" com cânticos e orações. Quando o "Velho", como era respeitosamente chamado o espiritualista deu uma baforada de tabaco barato na cara de Eliéser, este sentiu um frêmito percorrer-lhe o corpo. Seu cabelo arrepiou-se por inteiro e seu corpo começou a sacudir como se estivesse sendo eletrocutado. O "Velho" soltou um grito, saiu rodopiando para o centro da "roda" agarrado com Eliéser. Alguns acólitos vieram acudir e o que se seguiu foi aumentar o número de corpos sacolejantes no interior da "roda". O efeito parecia contagiante pois não só os da "roda" como o público circunstante, inclusive o amigo de Eliéser, foram se incorporando àquele transe. A sessão ficou sem controle, com gritos, gargalhadas, choros, cambalhotas e toda série de comportamentos bizarros. Ouviu-se o som de coisas quebrando e por ser uma situação tão incomum os vizinhos chamaram a polícia.

Horas depois, na delegacia, o "Velho" repetia a mesma coisa sempre pro delegado:

- Foi Satanás, Doutor. Ele mesmo, em pessoa!

Todos foram dispensados, já que nenhum crime fora cometido, exceto Eliéser e seu amigo que continuavam "incorporados" pela tal entidade, segundo o competente diagnóstico do "Velho". Era uma situação sem precedentes na delegacia. Não poderia colocar os cidadãos ali "incorporados" nas celas. Primeiro porque não haviam cometido nenhum ilícito e depois os outros presos não aceitariam a situação. Mas por outro lado não poderia simplesmente mandá-los embora daquele jeito, "possuídos". Os hospitais não queriam aceitá-los e os hospícios não tinham vagas. Sem outra alternativa, mandou uma viatura apanhar outra vez o tal de "Velho".

A sessão de "descarrego" demorou. Segundo o "Velho", porque aquele fora o diabo mais forte que já topara na vida, mas para o Delegado o consagrado caguira tentava valorizar sua atuação diante da polícia. Afinal o demo foi embora e em seguida Eliéser e o amigo. Dali seguiram direto para o "consultório" do "Velho", que por uma quantia substancial providenciaria a eliminação definitiva daquele "encosto". Eliéser achou assim um lugar para ficar, pelo menos por um tempo.

Tito subiu, pelas escadas, até o apartamento de Ian, tendo o cuidado de não se deixar ver pelo porteiro. Com toda cautela, usando as chaves que tomara de D. Margarida, abriu a porta de serviço. Rapidamente entrou no quarto da despensa e trancou-a por dentro. Esperou alguns minutos para se certificar que não havia ninguém servindo à casa. Havia cancelado o pedido de Ian à agência de empregados bem como o fornecimento de refeições, mas por via das dúvidas... Ouvia apenas rumores vindo do interior da residência; estava na hora. Saiu do esconderijo e rapidamente dirigiu-se à sala, o efeito surpresa lhe facilitaria as coisas.

Antes que Tito pudesse fazer o que planejava sentiu seus pés presos ao chão; mal conseguia arrastá-los. Surpreso, olhou para baixo tentando descobrir aonde pisara; nada de anormal lhe pareceu. A sala estava na penumbra e pode distinguir dois vultos a sua frente, um alto outro baixo. Ainda tentando mover-se mas já sem o elemento surpresa a seu favor viu um clarão do outro lado da sala, exatamente onde estavam os vultos, eles acenderam uma vela e a colocaram no chão; outro clarão, outra vela no chão. Pode distinguir uma voz falando as rituais palavras que ele tão bem conhecia. Percebeu que fora pego numa armadilha. Agora mal se mexia. Tão pesado estava que tombou ao chão. Várias velas já formavam uma figura no assoalho. Ele sabia o que isto significava, queriam imobilizar o "TZADICK"! Tito contra-atacou, usando o máximo as forças que restavam. Sentiu seu corpo mais leve e, com muito esforço levantou-se. Precisava sair dali ou seria destruído; deu alguns passos em direção à cozinha e à medida que saía daquele círculo metafísico

mais rápido fugia; terminou em desabalada carreira escada abaixo, lívido de medo e frustrado com sua fracassada tentativa de roubar o manuscrito.

O Professor Rolof e o Rabi Judah Recani ainda permaneceram um tempo em silêncio até terem certeza da fuga de Tito. Por fim o Professor Rolof falou:

- Era ele sem dúvida.

- Sem dúvida - respondeu o Rabi Recani.

- Então o manuscrito está certo! - complementou o Professor com indisfarçável alegria.

- Sim, mas o ritual ainda não está completo, pois ele escapou - finalizou o Rabi.

Sem mais delongas voltaram ao trabalho:

- Vejamos então cada passo - propôs o Professor Eyer.

Ian soube de todos estes fatos de uma só vez, ao chegar em casa, dias depois. Primeiro o relato entusiasmado do Professor Rolof e do Rabi Recani. Em seguida um telefonema de um amigo comum que, de forma um tanto confusa, explicara uma experiência vivenciada junto com Eliéser, que o abalara sobremaneira, e que, por fim, Eliéser estava homiziado na casa de um espiritualista chamado "Velho", e certamente precisava de ajuda, etc., etc. Sara Yadetz lhe mandara uma carta dando conta da visita da Sr^a Caspick e dizendo-se muito preocupada com o que estava acontecendo na casa de Ian, pois já se comentava que...

"O que fazer?" pensou Ian sentado na sala de sua casa, totalmente transformada, vendo aquelas duas figuras rodopiarem pelos diagramas pintados no assoalho repetindo em voz alta ancestrais ritos cabalísticos sem ao menos se preocuparem com a opinião do anfitrião. Um certo desânimo, fruto da impotência em reverter a situação, tomou conta de Ian. "Seja o que Deus quiser" completou seu pensamento enquanto decidia-se a resolver questões menores, como a sobrevivência nutricional daquele seletivo grupo de lunáticos, ele mesmo aí incluído.

O Professor Rolof Eyer e o Rabi Judah Recani tinham um plano. Pela alegria dos dois Ian conjecturou corretamente que eles haviam terminado a tradução:

- Ah! - exclamou o Professor enquanto o Rabi confirmava balançando a cabeça - não é apenas a tradução, mas as adequadas posturas do ritual, sem o que nada dará certo. A aparição do "TZADICK" foi fundamental pois pudemos perceber algumas falhas na nossa interpretação. Estamos convictos que agora poderemos enfrentá-lo e imobilizá-lo. Mas há um pequeno senão...

"Sempre é este pequeno senão que me amedronta" pensou Ian.

- Como encontrá-lo? - continuou o Professor Eyer - Ele já sabe do nosso poder e irá esconder-se o quanto possa. É preciso desalojá-lo para que possamos envolvê-lo no ritual.

- Sim, ele tem de decidir nos enfrentar - completou o Rabi - na figura do "TZADICK" e aí o destruiremos!

- Num sentido espiritual, é claro - apressou-se em dizer o Professor Eyer corrigindo a ênfase do Rabi.

- Não entendi senão desta forma - acrescentou Ian, sem muita convicção.

- Pois - continuou o Professor Rolof - a chave de tudo é Maria, sua irmã.

Ian começava a ficar realmente preocupado. Maria estava nas vésperas de ter filho e a última coisa que Ian queria era envolvê-la ainda mais nesta história. Esboçou um veemente protesto mas foi imediatamente interrompido pelo Rabi, que ultimamente tornara-se mais prolixo e entusiasmado com os acontecimentos:

- Nós jamais envolveríamos sua querida irmã nesta desagradável situação, contudo, tenho certeza, como já lhe dissera antes, que este "TZADICK" querera consagrar seu sobrinho ao ritual do IÉSOD. Isto terá de ser feito em algum tempo após o nascimento, e é essencial que o "TZADICK" toque aquele que será consagrado. Aí, então, estaremos lá.

Os olhos do Rabi brilharam como se antegozasse a batalha espiritual que se seguiria. Ian continuou a ouvir, sabendo em seu íntimo que nada poderia fazer para impedir aqueles dois de colimarem seus objetivos:

- Você nos manterá informados sobre cada passo de sua irmã, até a hora do parto, e mesmo depois dele - continuou o Rabi, que tomara conta da operação e falava num tom quase ameaçador - nos dirá aonde será o nascimento, informando todos os detalhes sobre pessoas e locais aonde ela ficará. Teremos de ter livre acesso a todos os ambientes em que ela estiver e a sua ajuda para podermos proceder corretamente o ritual. Você terá de impedir qualquer interrupção, mesmo que venham de seus parentes ou da equipe que a atenderá. Tudo não levará mais do que alguns minutos, preciosos e indispensáveis minutos, nos quais estarão resumidos os esforços de dezenas de sábios e centenas de anos de busca.

O Rabi continuou a falar ainda um tempo, tornando-se progressivamente menos objetivo e mais enlevado com o significado daquelas ações propostas. O Professor Rolof Eyer limitava-se a concordar soltando pequenas interjeições de apoio e emulação ao companheiro. Ian era um peão que deveria cumprir o seu papel com cega obediência sob pena de atrair para si a maldição de uma coorte sobrenatural de sábios cabalistas. Era o recado de seus hóspedes,

transformados agora em tutores de sua vontade. E sem ao menos perguntar-se o que fazer, murmurou:

- Seja o que Deus quiser. Qualquer Deus.

- VI -

Fevereiro de 1991.

Ian além de ter se transformado num espião da própria família tornou-se um verdadeiro capataz da sacra missão de exterminar a maldição. As tarefas que seus tutores o incumbiam de fazer iam desde providenciar a manutenção física da trinca até aprontar os detalhes logísticos do embate final. Vivia um ante clímax de aventura e suspense. Forneceu todas as informações pedidas, ensaiou todas as fases do plano, transporte, comunicação, roupas e principalmente mentiras, que a todo momento contava para disfarçar seus movimentos. Visitara Eliéser e mentira. Encontrara propositadamente amigos de Tito e mentira. Mandara uma carta para Virna com mentiras. Mentia desavergonhadamente para todos. Aquilo parecia estar funcionando pois os comentários sobre os irmãos Yadetz diminuíram. Apenas sobre Tito não tinha certeza de nada. Ele simplesmente desaparecera com a desculpa que viajara a negócios. Ian sabia que isto era mentira. O Professor Eyer e seu comparsa Rabi Recani saíram da casa de Ian e foram para outro local, alugado especialmente para eles, às custas de Ian é claro, que a esta altura considerava tudo o mais destituído de interesse. Mentira para todos que os dois haviam partido do país.

Uma noite, Ian encontrou um recado de Sara Yadetz, já de algumas horas atrás, na sua secretária eletrônica. Maria entrara em trabalho de parto e estava indo para o hospital. Chegara o momento! Ian nem mesmo se preocupou com o episódio do nascimento de seu sobrinho, tudo que pensou foi em acionar o plano preconcebido. Ele parecia um soldado bem treinado, cumpria ordens. "A que ponto cheguei" pensou finalmente enquanto se permitia um segundo de emoção. Conformava-se com a loucura.

Maria teria seu filho em um antigo hospital que externamente mantinha seu estilo arquitetônico de séculos passados mas internamente era um exemplo da moderna tecnologia médica. Ian estudara minuciosamente a planta daquele nosocômio e passara os desenhos que fizera para o Professor Rolof e o Rabi Judah. O hospital era um prédio em semicírculo, de apenas um andar, com enormes janelas do lado de fora e uma comprida varanda de circulação do outro lado circundando uma área interna cuja parte central era coberta por uma belíssima abóbada de vitrais

coloridos, sustentada por quatro colunas revestidas de mármore. Abaixo desta abóbada havia um pátio igualmente pavimentado por mármore de diferentes tipos que compunham um mosaico de retângulos. Pela parte aberta do semicírculo estendia-se o jardim até o final do terreno, muito grande, terminando num pequeno pomar. Havia, nas extremidades do semicírculo e no meio, passarelas que davam acesso para o pátio coberto, já que a toda volta a varanda era circundada por uma balaustrada de granito. O local do parto seria numa enfermaria bem no meio do semicírculo que dava para um corredor interno e deste diretamente para a varanda e o pátio. Após avaliarem a situação concluíram, nas palavras do Professor Rolof:

- Só há três caminhos para se chegar ao local do parto. Pelos lados, no corredor interno ou pela frente, vindo do pátio. Somos três, logo cada um cuidará de um acesso.

Parecia tudo muito simples exceto pelo fato que aquele incomum grupo certamente chamaria a atenção da segurança do hospital. Mas isto parecia não interessar aos dois temerários cientistas e portanto, mais uma vez, Ian deveria preocupar-se sozinho com as conseqüências.

Os três fizeram uma última verificação do material, que enchia duas malas grandes, repassaram os detalhes do plano e partiram. Ian ligou o rádio do carro para desanuviar o tenso silêncio que se instalara. Deveriam levar uns quarenta minutos para chegar ao hospital e certamente Maria já estaria lá. O rádio informava que uma tempestade era esperada a qualquer momento na cidade, notícia redundante pois já chovia e relampejava. O tempo foi passando e a chuva aumentando. O trânsito ficara mais lento e algumas ruas já estavam alagadas. Levaram o dobro do tempo para chegar. O saguão de entrada do hospital estava vazio, ou melhor, havia três pessoas nele, uma atendente na portaria, alguém sentado na sala de espera e um guarda na porta de acesso ao interior do prédio. Os três conferenciaram à porta principal, e como Ian já imaginara, despertaram a imediata curiosidade dos circunstantes. O guarda moveu-se na direção deles e perguntou-lhes:

- Posso lhes ajudar, senhores?

Ian explicou que a irmã ia parir e aqueles eram tios estrangeiros, e ele o irmão e queriam saber notícias, acompanhar o parto, e, aliás, eram religiosos e fariam uma corrente de orações para que tudo desse certo...

- Neste caso - o prestativo guarda os orientou - os senhores devem se identificar na portaria e serão conduzidos à capela ecumênica. Aliás, temos duas, uma em cada extremo do prédio. O senhor sabe, uma para cada finalidade... Num hospital há os que estão se recuperando e aqueles que já se foram, e para evitar constrangimentos...

O guarda muito solícito continuou sua explicação enquanto Ian se identificava na portaria. Os dois "tios" circulavam lentamente pelo saguão observando atentamente cada canto que podiam. Ian foi informado que não era permitido o acesso à sala de parto, exceto por uma autorização especial do médico encarregado e que no caso a Sr^a Sara Yadetz fora acompanhando a filha. Se ele quisesse a atendente poderia chamar alguém para ver se ele também poderia assistir ao parto, mas de qualquer modo dificilmente os "tios" teriam permissão:

- O pai sim, com certeza - continuou a atendente - mas mesmo o senhor eu tenho minhas dívidas. O Doutor K. é muito rigoroso quanto a este assunto.

Ian assinou uns papéis e os seus "parentes" deveriam fazer o mesmo. Ele virou-se para os dois e não os viu. O guarda, que ficara ao seu lado todo o tempo exclamou:

- Ei! Aonde foram parar aqueles senhores?

O saguão era amplo e sem divisões, pois mesmo o que se presumia ser a sala de espera nada mais era do que um nicho da sala principal portanto, concluiu mentalmente Ian, ou haviam saído ou esgueiraram-se para dentro do prédio, aproveitando a distração do vigilante. Aquilo não fora combinado mas Ian sabia que com aquela dupla qualquer plano não durava muito. O guarda foi rapidamente até à porta que dava acesso ao interior do hospital e desapareceu por ela. Ian por um instante ficou sem saber o que fazer. Decidiu seguir o plano original, e no caso seria o responsável por vigiar a passarela do meio que dava acesso ao pátio interno. Desobrigou a atendente a tentar, para ele, o ingresso na sala de parto, no que ela respondeu:

- Acho também melhor assim pois o Doutor K. já negara ao seu irmão, agora estou vendo aqui no livro de ocorrências. - Falou com uma certa displicência enquanto apontava uma nota feita nos registros.

Mas Ian, desde que ela dissera aquilo, já se precipitara para dentro das enfermarias pela mesma porta que vira o guarda sumir e não se surpreendeu quando cruzou com ele na sua corrida hospital adentro. Ouvia-o gritar atrás de si agora:

- Ei, Senhor! Não pode circular por aqui! Droga! O que está havendo?

Chegou rapidamente ao local do parto e quando ia se precipitar sala adentro sentiu mãos agarrando seus braços com firmeza. Voltou-se para ver quem o interceptara e simultaneamente escutou o Prof. Rolof dizer-lhe:

- Está tudo bem por aqui, nosso homem ainda não se mostrou mas a criança está prestes a nascer, assim ele deverá aparecer logo. Livre-se deste guarda.

Ian, atônito, foi empurrado porta afora pelo Professor, com tal ímpeto que tropeçou e caiu de joelhos quase aos pés do guarda que resfolegando se aproximava, demonstrando bastante irritação em suas palavras:

- Isto é muito errado, o que o Senhor está fazendo! Me acompanhe por favor!

Ao se levantar, se refazendo do safanão do Professor - "Agora comecei a apanhar", pensou - percebeu que o enérgico sábio que o derrubara estava vestido de médico e o empurrara da ante-sala do centro obstétrico de volta para o corredor de circulação interna. O guarda nem mesmo o vira fazer isto. Do outro lado, por onde fora expelido, havia uma porta enorme que dava saída para a varanda e ali estava a passarela que ele deveria tomar conta. Por sorte, o guarda o estava levando por este caminho. Ian desculpou-se alegando qualquer tolice e prometeu maior moderação em seu comportamento. Afinal, o que o funcionário queria era mostrar-lhe o caminho correto da capela onde encontraria seus "tios" que ele mesmo conduzira até lá ao achá-los pouco antes, conforme disse:

- Tão perdidos quanto o senhor.

Ian dirigiu-se ao local indicado decidido a retornar de imediato ao seu posto tão logo o guarda o deixasse. Não foi preciso andar muito, pois o guarda acompanhou-o apenas alguns passos e foi embora. Por cautela seguiu um pouco à frente e ao dar meia volta deparou-se com o Sr. Caspick.

- Onde está minha filha! - vociferou indignado para Ian.

Não houve tempo para resposta pois o Sr. Caspick iniciou uma diatribe num tom de voz cada vez mais alto. "Isto também não estava nos planos", pensava Ian enquanto buscava um meio de se livrar daquele homem antes que o guarda voltasse atraído pelos gritos. Entendeu, da fala emocionada do Sr. Caspick, que Virna sumira da clínica há algumas horas e que fora achada uma carta dele. Algumas pessoas aproximavam-se dos dois e Ian pôs-se a andar rápido em direção à capela para fugir do que já considerava uma multidão. Vendo que era uma tentativa infrutífera parou, decidido a enfrentar o problema. Juntou-se um grupo a sua volta; Sr. Caspick praguejando, Eliéser e seu "guru" espiritual. Atrás de Ian, vindo da capela, Virna. O tumulto aumentou, mas a chegada de Virna, desviou, por um minuto, a atenção sobre Ian. Foi o suficiente para que ele se adiantasse buscando seu posto. Percebeu que não o seguiam mas ouviu a voz do "Velho" dirigir-se certamente para ele:

- Não enfrente o Satanás!

Não quis prestar atenção naquelas palavras, só precisava se preocupar em seguir o plano e impedir que Tito pudesse agir. " Só falta ele agora", pensou enquanto se postava na passarela que dava acesso ao pátio interno. A chuva torrencial fazia um enorme barulho no teto de vidro da abóbada; a iluminação era fraca e mal se distinguia o jardim externo, mas os relâmpagos, cada vez mais freqüentes, por um lapso de tempo alumiam todo cenário com uma intensidade ofuscante, deixando todas as coisas com a mesma cor prateada e fantasmagórica. Foi num desses clarões que viu passar ao seu lado a dupla de exorcistas, o Professor Rolof e o Rabi Recani, carregando um fardo e paramentados com as vestes rituais; o fardo era um tapete bordado com diagramas, signos e dísticos, tudo confeccionado segundo as indicações do manuscrito. "Mas de onde vieram aqueles dois e como teriam vagado pelo hospital sem chamar a atenção?" conjecturou Ian indo juntar-se a eles. "E isto também não estava nos planos" completou seu pensamento.

Sem muitas palavras os três puseram-se a desenrolar o tapete e proceder aos preparativos para capturar o "TZADICK".

- Ele só poderá vir por este caminho. - asseverou o Rabi Judah Recani.

O Professor Rolof explicou rapidamente a Ian que sua irmã estava em período expulsivo e que a criança nasceria em minutos, e que o caminho do "TZADICK" fora bloqueado dentro do hospital:

- Como? - Respondeu o Professor a Ian - Ora, fizemos umas inscrições apropriadas nas paredes.

- Vocês picharam o interior do hospital? - Ian exclamou com espanto, já antevendo seus futuros problemas. Não houve resposta, como era de se esperar, mas ele tinha certeza que a esta altura a segurança do hospital já chamara a polícia. Pensou como de costume, "Seja o que Deus quiser", e voltou sua atenção para os seus deveres.

De fato a segurança do hospital fora chamada para verificar uma dupla que desenhara nas paredes do corredor de circulação do hospital e a porta do centro obstétrico:

- Era o que faltava, pichadores dentro de um hospital! - exclamou o chefe da segurança ao tomar conhecimento dos fatos.

O tumulto no corredor chamou a atenção de Sara Yadetz. Ela, que aguardava na antecâmara de parto o nascimento do neto, entreabriu a porta para ver o que acontecia e, para sua enorme surpresa, pelo vidro das portas que davam passagem para o pátio reconheceu aquele pequeno grupo de exaltados. Desconsiderando as regras do hospital, saiu, com os trajes assépticos que portava, em direção aos seus conhecidos e imediatamente inquiriu-os sobre o que estava provocando tanto

alvorço. Antes mesmo que recebesse qualquer tipo de resposta percebeu, e por isto mesmo desinteressou-se das explicações que começaram a lhe dar, três personagens incomuns que se postavam no centro do pátio, seu próprio filho Ian e duas criaturas, cujas identidade corretamente presumia, bizarramente vestidos e que aplicada e reiteradamente acendiam pequenas lanternas de velas ao redor de um ainda mais esdrúxulo tapete de bordados dourados. Seu movimento em direção a eles fez com que os outros circunstantes notassem o espantoso ato que desempenhavam aqueles três "palhaços", conforme as palavras do Sr. Caspick. Havia agora um caminho pespontado pelas lanternas que vinha do outro lado do pátio até o tapete e rodeava-o. Era algo, sem dúvida bonito de se ver, ainda mais quando os relâmpagos adicionava uma luminosidade misteriosa à cena.

Então, uma faísca celeste atingiu a própria abóbada e, após o estrondo ensurdecido e o relampejo ofuscante, a luz apagou-se. Apenas o caminho de velas e os raios intermitentes rompiam o negrume daquele ambiente. Todos estavam estáticos, paralisados pela surpresa, um pouco pelo encantamento e pelo temor daquilo que presenciavam. A voz do Rabi Judah Recani, num belo tom de tenor ecoou pela abóbada, entoando uma oração quase cantada e ininteligível por quase todos. O Professor Rolof fazia uma espécie de contracanto respondendo ao Rabi em segunda voz de barítono não muito firme. O efeito geral, no entanto, impressionava. Ian, seguindo seu treinamento, a determinadas palavras do "TIKUM", como deveria referir-se naquele momento ao Rabi, tocava os sininhos que tanto trabalho lhe deram para comprar.

Sara Yadetz ainda esboçou um movimento para retornar à sala de parto quando, numa das explosões de luz provocada pelos raios, viu surgir, do outro lado do pátio, resplandecendo à luz das intempéries seu manto dourado, inconfundível para ela, Tito. Nenhuma outra reação a partir deste momento foi possível de sua parte ou dos outros que a ladeavam; estavam mesmerizados pela visão.

A confusão instalou-se na sala de parto. O choque elétrico nas instalações do hospital fora muito forte e nem mesmo os geradores de emergência conseguiam funcionar. Vários circuitos queimaram apesar da adequada proteção que as instalações tinham. Em pelo menos dois pontos do hospital havia indícios de incêndio, conforme relato da segurança a sua chefia pelos rádio transmissores portáteis; na sala de esterilização, onde um curto circuito torrara uma estufa e no pátio.

- Como no pátio? - indagou o chefe da segurança ao funcionário que o informava pelo rádio - o que tem lá para queimar? Câmbio.

Silêncio.

- Câmbio... Câmbio....
- Não é um incêndio. Câmbio. - respondeu, finalmente, o funcionário a seu chefe.
- O que é então? Câmbio.
- Uma... uma... uma missa, com velas. Câmbio.
- Uma o quê? Câmbio.
- 'Tá muito bonito. Não é incêndio não. Câmbio.
- Pode repetir. Não entendi. Câmbio.

Silêncio.

- Pode repetir. Não entendi. Câmbio... Câmbio...
- Eles estão cantando. Câmbio.

O chefe da segurança não insistiu. "É melhor dar uma olhada" pensou, e rapidamente dirigiu-se para o pátio enquanto falava pelo rádio:

- Permaneça aí. Estou indo. Câmbio final.

Um sistema de emergência a baterias foi acionado na sala de parto de modo que Maria teve o filho com a assistência e a luz possível nas circunstâncias. Era um menino, que chorou forte ao nascer. Os médicos o secundaram, examinaram e o consideraram um nascituro saudável; as enfermeiras o enrolaram em panos limpos e o mantiveram aquecido:

- Bem-vindo ao mundo - sussurrou uma enfermeira que o mantinha nos braços.

O "TZADICK" e o "TIKUM" deblateravam. Suas vozes ecoavam pelos ares entrecortadas pelo ribombar ocasional dos trovões. A chuva quase cessara e a tormenta afastava-se. O ar resfriado pela chuva invadia o recinto provocando o aparecimento de uma tênue névoa, o que acrescentou ainda maior magia ao ritual. Ian já não conseguia acompanhar as falas de modo que não sabia mais quando deveria tocar os sinos. "Não tem mais nada conforme os planos" concluiu mentalmente. Pelo sim ou pelo não, toda vez que havia uma pausa nas interpelações dos dois Ian sacudia o sino "in surdina", conforme sua própria classificação. Como não houve reclamações e o efeito era notavelmente eficaz resolveu seguir seus próprios palpites. Estava quase gostando daquilo.

O "TZADICK" avançou pela alameda de lanterninhas num passo hesitante; a cada refugo o "TIKUM" ordenava-lhe qualquer coisa e Ian tocava os sininhos. A meio caminho do tapete o Prof. Rolof deslocou-se para detrás do "TZADICK" e fechou a entrada do corredor luminoso com novas lanternas. O "TZADICK" ao perceber a manobra pareceu enfurecer-se e aos brados recitou uma impreciação. O "TIKUM" respondeu em versos cantantes. Mais bimbalar dos sininhos. Um

silêncio sepulcral abateu-se sobre a abóbada, sem trovões, sem o ruído da chuva, nem ao menos ouvia-se os passos do "TZADICK" que, trôpego, andou até o centro do tapete. Rodopiou umas duas vezes e caiu sobre os joelhos e em seguida de dorso. Nenhum ruído. O "TIKUM" aproximou-se dele e numa voz límpida entoou uma cantilena, entremeada pelos sinos que Ian vigorosamente tocava, sublinhando a métrica. "Se tivéssemos ensaiado não sairia tão bom" pensava Ian, já inteiramente entusiasmado com a descoberta desta sua nova vocação. O "TIKUM" abaixou-se apanhou uma das lanternas virou-se e andou em direção à entrada do corredor interno. Ian percebeu que ele se dirigia à sala de parto.

O Professor Rolof apagava uma a uma as lanternas restantes.

Sara Yadetz, durante todo o tempo que presenciara aquelas cenas reviveu seu passado e foi sentindo, quase sem se aperceber que seu espírito aos poucos livrava-se de uma profunda amargura. Uma a uma as vivências mais angustiantes de sua vida rompiam-se como bolhas de sabão liberando sua alma para sentir um enorme conforto. Sentiu-se feliz como nunca o fora. As lágrimas rolavam sua face de uma maneira que nunca se permitira. Em sua mente somente um pensamento disputava suas reminiscências: "livre!".

Ian seguiu o "TIKUM", afinal ele era o responsável pela indispensável sonoplastia daquele ritual. Atravessaram as portas e chegaram ao local onde estavam Maria e seu filho. Todos voltaram-se para aquela absurda aparição; Ian tocou os sinos. O "TIKUM" aproximou-se da criança levantou a vela para iluminar o rosto do pequeno, tocou sua testa com os dedos e recitou uma rápida cabala. Ian pontuou-a com seu competente estribilho. A luz voltou e só então os médicos e assistentes deram-se conta da cena inusitada que presenciavam. Antes que pudessem protestar os executantes retiraram-se do recinto. No corredor principal a segurança dividia-se entre manter Ian e o Rabi Recani sob suas vistas e chamar um médico para atender Tito, que permanecia inerte sobre o tapete. O Professor Rolof na varanda falava com Virna e Eliéser, abraçando ora um ora outro. Percebia-se claramente que aqueles dois, ex-reféns do "TZADICK" choravam de alívio. Uma voz vinda de um dos seguranças alertava um médico:

- Tem outro ali. Tremendo e gemendo.

Ian viu o momento em que o "Velho" à aproximação do médico e do segurança empertigou-se e gritou:

- Para trás! Sai demônio! - Ato contínuo, disparou em grande correria porta afora.

Retiraram Tito numa maca e o levaram para a emergência. O Rabi acercou-se de Ian e disse:

- Ele ficara fora de si um bom tempo, mas não há nenhuma conseqüência.

Ian juntou-se ao grupo que rodeava o Professor Rolof e sugeriu que fossem ver a criança e Maria. Quando todos entraram no corredor interno, Ian atrasou-se, puxou para si o Professor Rolof e o Rabi Judah Recani e inquiriu-os:

- Porque tiveram de tocar o bebê? Afinal, o "TZADICK" já havia sido subjugado.

- Meu caro Ian - respondeu o Rabi - como poderíamos consagrar a casa dos Yadetz à proteção do IÉSOD se não ordenássemos um novo "TZADICK"?

As suspeitas de Ian se confirmavam. Eles simplesmente não seguiram o plano. Mas arriscou uma nova pergunta:

- Como saberemos que o ritual está correto?

O Professor Rolof passou o braço sobre os ombros de Ian enquanto o Rabi respondia:

- Só o tempo dirá. Mas estaremos sempre por perto.

Ian suspirou da forma como já lhe era peculiar e pensou:

" Amanhã eles irão embora e tudo voltará ao normal".

FIM